

CADERNOS DE PESQUISAS MAÇÔNICAS 24



Planejamento Estratégico para Reuniões Maçônicas

Editora Maçônica “A TROLHA” Ltda.
Rua Castro Alves, 835 – Jd. Shangri-lá A – Fone (43) 3337-1982
Fax (43) 3326-0915 – Cx. Postal 238
CEP 86001-970 – Londrina – PR

Londrina, outubro de 2012

Copyright © 2012: Loja "Fraternidade Brasileira"
de Estudos e Pesquisas

Todos os direitos desta edição são reservados à
EDITORA MAÇÔNICA "A TROLHA" LTDA.

Rua Castro Alves, 835 – Jd. Shangri-lá A
86070-670 – Londrina – PR

Cx. Postal 238 – CEP 86001-970

Fone (43) **3337-1982** – Fax (43) **3326-0915**

Site: www.atrolha.com.br

E-mail: redacao@atrolha.com.br

Coordenação Geral:
Conselho Editorial

1ª Edição:
2012

Tiragem:
1.700 exemplares

Projeto Gráfico e Diagramação:
Maristela Meneghetti

Capa:
Ulisses Candreva

Revisão:
Virgínia Cristina Audi Ayres

Impressão e acabamento:
Viena Gráfica e Editora

Obediência: **Grande Oriente Independente de
Minas Gerais**

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora "A TROLHA", na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19/2/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP-Brasil)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

P712 Planejamento estratégico para reuniões maçônicas / Loja "Fraternidade Brasileira" de Estudos e Pesquisas -- 1ª ed. -- Londrina: Ed. Maçônica "A TROLHA", 2012. 128p.; 14,21 cm. -- (Cadernos de Pesquisas Maçônicas; 24).

Vários autores.

ISBN: 978-85-7252-306-6

1. Maçonaria. 2. Maçonaria – Planejamento estratégico. 3. Reuniões Maçônicas. I. Loja "Fraternidade Brasileira" de Estudos e Pesquisas. II. Título. III. Série.

CDD 366.1
CDU 061.236

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Maçonaria.
061.236 (CDU)
2. Maçonaria – Planejamento estratégico.
061.236 (CDU)
3. Reuniões Maçônicas.
061.236 (CDU)

Sumário

Apresentação dos Editores	9
Educação de Resultados	11
<i>Irm.º: Antonio Hernades G. Junior</i>	
A Ordem do Dia e o Período de Instrução.....	19
<i>Irm.º: Derly Halfeld Alves</i>	
Como Incentivar a Permanência do Iniciado?.....	23
<i>Irm.º: Élio Figueiredo</i>	
Planificar, Edificar, Realizar	31
<i>Irm.º: Geraldo Ribeiro da Fonseca</i>	
O que é Maçonaria?.....	43
<i>Irm.º: José Marcos Ribeiro da Fonseca</i>	
Planejamento Estratégico nos Três Graus	51
<i>Irm.º: Luiz Carlos Trainini</i>	
Sessões de Instruções	73
<i>Irm.º: Milgar Camargos Loureiro</i>	
Estratégia para os Trabalhos Maçônicos	85
<i>Irm.º: Paulo Ioshitaka Tomimatsu</i>	
A Sobrevivência da Instituição Maçônica	105
<i>Irm.º: Renato Gabriel</i>	
Qual o Valor da Tradição?	111
<i>Irm.º: Orli Vargas Sousa</i>	

A Intolerância 115
Irm.∴ Fadel David Antonio Tuma Filho

Apresentação dos Editores

Desde os primórdios, exigem-se dos administradores de Loja, uma postura organizacional ergonômica e prática para o cumprimento dos objetivos planejados. Há que se destacar que a Prancheta, uma das mais importantes Joias fixas da Loja, ferramenta determinante ao planejamento e desenho do traçado das ações a serem tomadas pelos Obreiros da Oficina. O avanço tecnológico observado no transcorrer dos dias desperta cada vez mais o interesse pela busca de novos métodos, mais consistentes e simples, que facilitam o traçado das diretrizes com a necessária transparência e, principalmente, a continuidade administrativa do trabalho nas sucessivas administrações. Pesquisas realizadas entre os membros que administram as Lojas apontam para a busca constante de estratégias e parâmetros para obtenção de melhores resultados e desempenho nas reuniões. Por força disto, a 17ª edição do Encontro de Membros Correspondentes da Loja Maçônica “Fraternidade Brasileira” de Estudos e Pesquisas ocorrido no Oriente de Foz do Iguaçu – PR, em 2010, teve como temática: Planejamento Estratégico para Reuniões Maçônicas.

Os Trabalhos desenvolvidos pelos Irmãos aqui publicados, foram frutos de minuciosas pesquisas e amplos debates, disponibilizando a cada um de nós excelentes ferramentas,

facilitadores para uma melhor integração entre os Irmãos, com conceitos atuais de gerenciamento dos trabalhos, sempre em busca de um melhor aproveitamento e bom andamento das rotinas de uma Loja.

*... a máquina do mundo se entreabriu
Para quem de a romper já se esquivava
E só de ter pensado em carpia.*

*Abriu-se majestosa e circumspecta,
Sem emitir um som que fosse impuro
Nem um clarão maior que o tolerável ...*

*Fragmentos de Máquina do Mundo, Carlos Drummond
de Andrade*

Os Editores

Londrina, outubro, 2012.

Educação de Resultados

Irm.: Antonio Hernades G. Junior

Or.: Foz do Iguaçu – PR

O planejamento ou planeamento é uma ferramenta administrativa que possibilita perceber a realidade, avaliar os caminhos, construir um referencial futuro, estruturando o trâmite adequado e reavaliar todo o processo a que o planejamento se destina. Sendo, portanto, o lado racional da ação. Tratando-se de um processo de deliberação abstrato e explícito que escolhe e organiza ações, antecipando os resultados esperados. Esta deliberação busca alcançar, da melhor forma possível, alguns objetivos predefinidos.

Algumas de nossas ações necessitam de planejamento, mas muitas não. Em nossas atividades diárias, estamos sempre agindo, e antecipamos os resultados de nossas ações, mesmo que não estejamos completamente cientes dessa antecipação. Mas agimos com muito mais frequência do que planejamos, explicitamente, nossas ações: poucas vezes temos consciência de estarmos executando um processo de deliberação antes da ação. Assim que tomamos conhecimento de uma ação, ou quando executamos comportamentos bem treinados para os quais possuímos planos previamente armazenados, ou quando

o curso de uma ação pode ser livremente adaptado enquanto ela estiver sendo executada, então, geralmente agimos e adaptamos nossas ações sem planejá-las explicitamente.

O Planejamento estratégico é um processo gerencial que diz respeito à formulação de objetivos para a seleção de programas de ação e para sua execução, levando em conta as condições internas e externas à empresa e sua evolução esperada. Também considera premissas básicas que a empresa deve respeitar para que todo o processo tenha coerência e sustentação. Para Bateman e Snell (1998), a administração estratégica é um processo envolvendo administradores de todos os níveis da organização, que formulam e implementam objetivos estratégicos. Já o Planejamento Estratégico seria o processo de elaboração da estratégia, na qual se definiria a relação entre a organização e o ambiente interno e externo, bem como os objetivos organizacionais, com a definição de estratégias alternativas (MAXIMIANO, 2006).

Segundo Púbblio (2008) em seu livro “Como Planejar e Executar uma Campanha de Propaganda”, o estabelecimento de um planejamento estratégico de *marketing* envolve cinco atividades:

- Definição da missão corporativa;
- Análise da situação;
- Formulação de objetivos;
- Formulação de estratégias;
- Implementação, *Feedback* e controle.

Sempre que estou reunido com meus colegas de trabalho do mundo profano ou até mesmo com a diretoria de minha Loj.: costume usar três jargões que me acompanham por toda minha vida profissional. São eles:

- 1º Se é para realizar um empreendimento, ou faça bem feito, ou melhor não fazê-lo;
- 2º Pior que a não realização de uma obra, é a realização de uma obra medíocre;
- 3º Pior que não realizar uma venda é a realização de uma venda mal feita.

Como embasamento dessas premissas, costumo defender a tese de que se despende mais tempo, energia, *stress* e recursos materiais na reconstrução de uma situação e correção de diretrizes do que na estruturação, planejamento e *feedback* de uma missão bem elaborada.

É claro que muitas pessoas podem pensar e até dizer: por isso não faço, pois para fazer porcaria, melhor não fazer. Lamentavelmente, essas pessoas escondem-se sob o manto da perfeição para nunca ousarem o poder da realização.

Penso que devemos, em cada empreitada de nossas vidas, das coisas mais simples do dia a dia às atividades mais complexas, darmos o melhor de nós buscando sempre a perfeição; se assim agirmos, em todas as ações, com certeza não atingiremos completamente o objetivo, pois somos seres imperfeitos e não temos o Dom Supremo do Criador, mas com certeza atingiremos um nível satisfatório de qualidade em nossas ações.

Sempre que abordo esse tema, invariavelmente me recorro de uma mensagem que li e adotei como estilo de vida quando era ainda muito jovem; trata-se da famosa “Mensagem a Garcia”, onde um mensageiro é designado para levar uma mensagem ao chefe dos insurretos e que o resultado dessa missão poderia se traduzir em êxito ou derrota de uma batalha. Ali, o mensageiro designado para a missão

apanha a mensagem e com a responsabilidade assumida, dela se incumbe com a importância da própria vida. A educação de resultados deve ser ministrada desde a mais tenra idade, e com certeza a mesma fará parte integrante de todas as ações que venhamos a tomar no transcorrer de nossa existência. Procuremos viver integral e intensamente nossos atos, pois assim teremos a certeza de, ao final de nossa existência nesse plano terreno, “termos feito o melhor que pudemos”.

Dessa mesma forma devemos encarar nossa empreitada na Sublime Ordem a que pertencemos. A educação “startada” com nossa Iniciação deve pontuar toda nossa caminhada maçônica na busca de nossos objetivos maiores de se construir um templo interior e tornar a humanidade melhor e mais justa.

A administração de uma Loja Maçônica deve ser para a diretoria da mesma um sacerdócio e desenvolvida com a mais aguerrida vontade de unir nossos Irm.: provendo-os de harmonia, amizade e justiça. Costumo dizer que Maçonaria é história e os fatos devem ser bem realizados e retratados para que sirvam de parâmetros na posteridade.

Um V.: M.: pode fazer uma administração medíocre quando assume o comando de seus pares somente pela vaidade de ocupar o Trono de Salomão. Nesses casos invariavelmente a Loja acaba dividida, seus membros descontentes, e a Egrégora destruída, pois não se busca o melhor da ritualística, da liturgia e da fraternidade que deve permear o Quadro de OObr.:.

O planejamento deve alcançar no mínimo o período da gestão a ser desenvolvida, com bases sólidas de metas a serem cumpridas no aspecto físico e espiritual, administrativo e litúrgico da entidade. O planejamento deve iniciar-se com a

elaboração perfeita de um calendário que satisfaça plenamente todos os Graus Simbólicos em suas Instruções, Iniciações, Elevações e Exaltações.

As comissões devem ser bem estruturadas com seus objetivos bem definidos para que realmente cumpram seu devido papel. Reuniões de diretorias devem ser feitas regularmente para corrigir eventuais falhas e propiciar o alcance de seus objetivos.

Não quero aqui discorrer sobre a administração de Lojas e o planejamento de suas gestões, pois com esse tema vamos encontrar um razoável número de livros editados que podem e devem ser adotados. Gostaria sim de colocar aqui a importância de um planejamento estratégico que se transportaria para cada reunião e cominaria com o êxito de toda a administração.

Tendo antecipadamente planejada sua gestão, com um bom calendário elaborado, contemplando todas as reuniões econômicas, magnas e especiais, as atividades sociais, cívicas e beneficentes, manutenção, benfeitorias e melhorias físicas do Templo e da Loja, o V.: M.: deve dar andamento ao cumprimento de seus objetivos, transportando-os para cada Sessão de seu mandato. O planejamento da Sessão vindoura começa imediatamente após o término da última Sessão. A preocupação com as dependências físicas deve ser priorizada (luzes queimadas, móveis descompostos, materiais ritualísticos indispensáveis, manutenção de paramentos, velas incensos, ares-condicionados etc.), pois o bem-estar dos presentes é de fundamental importância para a formação de uma Egrégora.

Igualmente, a preocupação com o número de participantes, Irmãos ausentes, e falta de oficiais. O V.: M.:

deve estar sempre em contato com as dignidades da Loja substituindo antecipadamente aqueles que porventura não possam participar da Sessão. Daí a importância de um canal perfeito de comunicação com Tesoureiro, Secretário, Orador, Chanceler, Vigilantes etc. Uma coisa bastante desagradável se constitui de, no período de instrução, o V.: M.: perguntar à assembleia, se algum Irmão tem algum Trabalho que possa ler. Além de demonstrar uma grande desorganização quanto à instrução do Quadro, o fato pode ser desastroso, se algum Irmão apresenta um Trabalho ou assunto inadequado à Sessão. O V.: M.: deve se preparar também fisicamente, pois ao presidir os trabalhos devem estar sincronizados corpo e espírito. Já imaginaram um V.: M.: que após uma refeição nababesca (feijoadada com muito torresmo), ter que cobrir o Templo por indisposição alimentar; ou ainda se desculpar por ter esquecido seus óculos, ou ainda ter uma crise de soluços, tosse etc. Como já falamos anteriormente o planejamento começa no primeiro dia imediatamente após a última Sessão. A preocupação com aquele Irm.: que não tem comparecido deve ser fundamental e nada como uma ligação telefônica ou visita aos Irmãos para reacender a chama que deve sempre nortear os trabalhos. Igualmente a visita juntamente com o Hospitaleiro àquele Irmão que está enfermo e, além de prestar sua solidariedade, constatar sua real condição de saúde para que a Loj.: seja informada. O levantamento junto ao Tesoureiro e ao Chanceler da situação financeira da Loja e da presença de Irm.: também é muito importante para que, de posse dessas informações, leve à Loj.: sua preocupação com faltas e pagamentos. A preocupação com o período de instrução e o Trabalho a ser apresentado também deve ser uma

constante por parte do Ven.:. Daí a sintonia que deve existir com os Vigilantes no sentido de se cumprir um cronograma de Trabalhos a serem apresentados e a realização de Câmaras de Instrução. A pauta da reunião ou Ordem do Dia deve começar com sete dias de antecedência e somente ser finalizada momentos antes da Sessão, pois acontecimentos novos podem surgir que interfiram diretamente na Ordem do Dia. Finalmente, é chegado o grande dia, o dia da realização da Sessão. O Templo devidamente arrumado, a Loja igualmente limpa e checados todos os itens necessários à realização dos trabalhos e confraternização do Ágape. O Mestre de Banquetes já deve ter providenciado quem fará o cardápio, as bebidas a serem consumidas etc. Nesse dia, a agenda profana do V.: M.: deve ser a mais amena possível, para que o mesmo possa se preparar física e espiritualmente para a condução dos trabalhos. Um equilibrado café da manhã, um almoço frugal e um pequeno lanche no transcorrer da tarde deixarão o corpo em perfeito equilíbrio para a condução da Sessão e melhor aproveitamento do Ágape. Material de trabalho pronto, papéis em ordem, todos os itens checados, o mesmo deve se entregar a um relaxamento mental e físico que o torne mais tranquilo e desconectado dos problemas profanos. Uma hora antes do horário previsto para o início da Sessão, o V.: M.: deve estar pronto para receber os Iirm.: do Quadro e também eventuais visitantes, para que pontualmente os Iirm.: estejam no Átrio, paramentados, desconectados de todos os problemas profanos e prontos para o cortejo de entrada ao Templo e início dos trabalhos.

A Ordem do Dia e o Período de Instrução

Irm.: Derly Halfeld Alves
Or.: Juiz de Fora – MG

O Tema proposto para este XVII Encontro da Cultura Maçônica foi votado em nossa Loja, obtendo a unanimidade de votos.

Ao interpretar o título para uma possível apresentação, muito mais usado em assuntos militares, também se conceitua como preparo de um planejamento, o que justifica sua colocação no tema escolhido acrescentado ao substantivo Planejamento.

PLANEJAMENTO: – Ação ou efeito de planejar – organizar segundo um plano – planificar – plano de trabalho pormenorizado.

ESTRATÉGICO: – (Do grego – *strategia*, comando do exército) – 1. Arte de planejar operações de guerra. 2. Arte de dirigir um conjunto de disposições para uma determinada ação.

Feito este preâmbulo, vamos ao planejamento de nossas reuniões.

– Em qualquer setor da vida e assim como em nossas

atividades maçônicas a rotina e a improvisação sempre foram e infelizmente continuam sendo as principais inimigas da eficiência e da perfeição.

O primeiro passo para uma Reunião objetiva é um plano metodizado, a fim de possibilitar que melhores resultados sejam alcançados.

O plano para uma reunião tida como ordinária, é apenas um roteiro, um bosquejo de referência e de controle, esquematizado e objetivo.

O já costumeiro Calendário, quer trimestral ou semestral, deverá sempre servir de base para o planejamento de cada Sessão ou Reunião, em princípio, não devendo sofrer alterações profundas.

Via de regra, a ordem dos trabalhos é preconizada nos Rituais, com variações muito diminutas entre as Obediências.

Dois pontos são fundamentais para que haja um planejamento antecipado: **Ordem do Dia e Período de Instrução.**

O planejamento da Ordem do Dia, obrigatoriamente deve ser elaborado pelo Secretário da Loja, com as presenças do Mestre ou Venerável da Loja e do Orador, nos Ritos em que este atua como representante do Ministério Público, considerando que jamais poderá haver discordância entre estas duas Dignidades.

Entretanto, o resultado da Bolsa de Propostas e Informações ou matéria de caráter urgente ou relevante, poderá alterar a Ordem do Dia preestabelecida, porém, sempre com a concordância da maioria dos presentes.

Quanto ao Período de Instrução, cabe à Comissão para isto designada, sendo o seu presidente responsável pelo plano

de instrução a ser ministrado, não só a Aprendiz, como também aos Companheiros e Mestres.

É lamentável o que vem acontecendo com a instrução maçônica relegada ao plano inferior. Tenho presenciado Mestre Maçom não saber decifrar abreviaturas maçônicas corriqueiras, desconhece totalmente os meios de reconhecimento maçônico até mesmo os dos Graus inferiores.

A Revista “A TROLHA” publicou um artigo de minha lavra sob o título “A Escassez de Mestres” para ministrar as Instruções.

Retornemos ao item Instruções, no meu entendimento a chamada chave da ciência maçônica, devendo, principalmente com relação aos Aprendiz, as instruções ser ministradas sobre História, Fundamentos Filosóficos, Princípios Fundamentais, Simbolismo do Grau e da Ordem em Geral, ou outro qualquer assunto de interesse e alusivo ao primeiro Grau.

O mesmo deverá acontecer no período de Instrução para todos os Graus, quer Simbólicos ou Graus Superiores, o que infelizmente não acontece – o lema é o do estilo profano: – “pagou, foi Elevado”...

Concluo com a proclamação feita por Aristóteles há mais de 2.000 anos: “*Omnes agens agit propter finem*” (**tudo o que age, age por um fim**), ou seja, tudo aquilo que fazemos na vida tem alguma razão de ser, algum objetivo, algum motivo, nada fazemos que não tenha certo interesse, principalmente quando perante uma assembleia de Maçons, juramos:

Tornarmo-nos um verdadeiro Maçom, morrendo para o vício, para os erros e para os preconceitos vulgares, e nascer de novo para a virtude, para a honra e para a sabedoria.

Por tudo isto, esperamos que os principais mandatários de uma Loja Maçônica tenham o bom-senso de elaborarem, primeiro um calendário, quer trimestral ou semestral, inserindo sempre o período de instrução, fundamental para que a nossa Ordem, amanhã, não se converta em um “*Clube de Serviço*”, planejando dentro deste calendário para cada Sessão ou Reunião um roteiro objetivo e primordial para que tais reuniões não sejam sempre enfadonhas, sem princípios maçônicos, e, apenas, numa pancadaria de Malhetes.

Fontes Consultadas

FONTOURA, Amaral. *Didática Geral*. Rio de Janeiro: Aurora.

LAROUSSE CULTURAL. Grande Enciclopédia. São Paulo: Nova Cultural.

Como Incentivar a Permanência do Iniciado?

Irm.: Élio Figueiredo

Or.: São Paulo – SP

A “Iniciação” projeta uma luz diferente nos caminhos do Iniciado, fazendo-lhe ver nos longes do horizonte da vida que é necessário lutar para crescer; que é preciso não esmorecer, não abdicar do direito de se tornar um Maçom de verdade.

(Raimundo Rodrigues, in “Amizade e Justiça”, ed. “A TROLHA”, 2005, p. 162).

Dentro do tema proposto, “Planejamento Estratégico para Reuniões Maçônicas”, entendo ser muito importante discutirmos como manter o novel Aprendiz inserido no contexto da Maçonaria, meta de toda Loja, pois grande parte de nossos Mestres afirma, quando das Iniciações, que o Iniciado deve “deixar a Maçonaria entrar nele”, concitando-o a frequentar nossas Sessões, sem faltas.

De bom alvitre, aqui, lembrar que em um dos Encontros da Loja “Fraternidade Brasileira” de Estudos e Pesquisas Maçônicas, nosso Irmão Milgar Camargos Loureiro

apresentou interessante Trabalho, no qual demonstrava que a Maçonaria Brasileira, nos últimos anos, não tem crescido numérica e materialmente falando, pois o número de Maçons vinha diminuindo gradativamente, principalmente no tocante ao percentual da população que representava, especialmente, devido ao fato de que o número dos que ingressavam era menor do que o número dos que se desligavam de nossa Sublime Instituição.

Apesar das advertências desse grande Irmão, nós continuamos a ver as Sessões se manterem no marasmo de sempre, deixando correr o tempo discutindo problemas internos, jantares e outras questões de somenos importância, o que causa, nos Aprendizes, muita desilusão, pois, ao serem convidados são convencidos de que a Maçonaria vai fazer dele um novo homem.

Sob certo aspecto, essa deveria ser uma das finalidades da Maçonaria, enquanto instituição associativa, pois, para que possamos crescer – como qualquer entidade que se preze – sonhamos com esse crescimento não só em número, mas também em importância no mundo que chamamos de “profano”, ou seja, fora dos Templos.

Acredito que dentro do planejamento estratégico para nossas reuniões, mister se faz tenhamos em mente conservar nossos Irmãos, pois os sonhos não realizados se transformam em frustrações e estas em abandono da luta em prol da melhoria do mundo, mote maior da Maçonaria, que, como sempre se mencionou, luta para construir um mundo melhor e mais fraterno.

Para que possamos atingir nossos objetivos, importa entender o caráter da Maçonaria, e este entendimento funda-se

no CONHECIMENTO, vez que, como afirmou Octacílio Schüler Sobrinho, no seu “Desafio das Mudanças”, *a Maçonaria é uma Escola do Conhecimento*, lembrando que estamos na Era do Conhecimento, ou seja, a vida nos obriga a buscar todo o conhecimento possível, para podermos acompanhar a evolução, em especial, no mundo globalizado em que vivemos.

Para Antônio do Carmo Ferreira, no seu “À Vossa Direita e Abaixo do Sólido”, p. 63, “*A Maçonaria é uma escola que se vale da didática da exaltação do bem*”.

Valdemar Sansão, no artigo “Descrição do Maçom”, IOD 107, mar./abr. 2010, afirma que “*A escola maçônica tem um objetivo. O objetivo está no objeto, e o objeto é o homem*”.

Ora, se a Maçonaria é uma entidade que busca desenvolver o conhecimento e, através deste, construir uma nova sociedade, mais justa e fraterna, cada Loja deve desenvolver em seus associados o gosto pelo estudo, pela pesquisa e pela vontade de crescer internamente, pois, somente com o crescimento pessoal, no seu aspecto intelectual, é que iremos manter acesa a chama do verdadeiro Maçom em cada membro inscrito em seu Quadro de Obreiros, deixando de lado as questiúnculas menores que surjam no desenvolver dos trabalhos.

Lembre-mos, a cada momento, o ensinamento de António Arnaut, ed. Fora do Texto, Coimbra, p. 27, que afirma: “*Só uma apurada sensibilidade, que aumenta à medida que se progride nos trabalhos da Loja, permite compreender o seu significado profundo e o seu simbolismo comunicativo*”, mantendo, dessa forma, o interesse do Maçom, na finalidade a que se propõem as Lojas, para que, com o crescimento

intelectual de cada um de nós, possamos lutar, na sociedade, para que ela também compreenda e assimile esse conhecimento, para melhorar a convivência no mundo.

É imprescindível, no meu entender, que os Maçons unam-se sob a mesma bandeira, buscando, de forma bastante incisiva, ampliar seus conhecimentos, quer sobre a Maçonaria, sua história, trajetória, planos e ações; quer sobre História, Economia, Sociologia, Filosofia, enfim, todas as ciências, sem exceção de nenhuma, para que, utilizando-se desses conhecimentos, colocarem-se à disposição da sociedade para levar esse saber aos demais componentes do grupo social a que pertencem, pois, só assim, estaremos contribuindo, efetivamente, para a construção de um mundo novo, melhor, mais condizente com nosso lema maior: **Liberdade, Igualdade e Fraternidade.**

Octacílio Schüler Sobrinho, na sua obra “Maçonaria – Introdução aos Fundamentos Filosóficos”, ed. Letras Contemporâneas, 2000, p. 19, ensina que:

Maçonaria, também chamada de Arte Real, é como um canto que encanta; perfume e beleza, ao mesmo tempo e lugar; flor que desabrocha no interior de cada Obreiro e, no encontro com a Sociologia, é também ciência, mas em toda a constância é, sobretudo, filosofia por colocar no centro de sua especulação o ontológico (o ser enquanto ser).

Incentivar o Aprendiz ao estudo é de suma importância para um perfeito entrosamento com os demais membros da Loja, para que ele apreenda o verdadeiro sentido da Maçonaria, que será sentido na medida em que ele prossiga nos

estudos e na pesquisa de temas maçônicos, visando ao seu aperfeiçoamento.

Aliás, Raimundo Rodrigues, no seu “A Filosofia da Maçonaria Simbólica”, ed. “A TROLHA”, 1999, p. 27, afirma, com sua sabedoria, que:

É necessário, é fundamental que o Iniciado morra como Profano e renasça com outra visão, buscando uma outra meta. É preciso que ele se desvencilhe de certas peias que o jurem ao egoísmo tão próprio dos que batalham nos campos do mundo profano.

Como se deduz dessas assertivas, muito trabalho de convencimento deve ser feito aos Maçons em geral, especialmente os Mestres, que são aqueles que, por sua vivência, devem ter algum conhecimento a transmitir aos Aprendizes e Companheiros, portanto, um fardo de responsabilidades está sobre nossos ombros, que precisamos buscar forças para suportar esse peso, que não é tão difícil de ser carregado, apesar de oneroso, porém, se nós continuarmos a lutar pela pesquisa e, por que não dizer, aprendermos, sempre mais, para podermos transmitir aos que estão atrás de nós, nossa missão estará no caminho do cumprimento.

No limiar de uma nova era, precisamos estar atentos à necessidade de modificar nossas atitudes, já que a evolução que ora se apresenta no mundo é a porta de entrada para a Era da Sabedoria, na qual a felicidade não estará na posse de bens materiais ou no poder que podemos exercer através dos meios econômicos, mas sim, na forma como nos utilizamos do conhecimento, que é o caminho para a sabedoria.

Peter Russel, no ensaio “Uma Singularidade no

Tempo”, na coletânea “O Mistério 2012, Predições, Profecias e Possibilidades”, Geração Editorial, 2009, p. 39, explica:

Outra compreensão consistente dos despertados é que a natureza essencial da mente, não atravancada por preocupações e excesso de palavras, é de profunda calma, alegria e amor. Não reconhecendo isso, a maioria de nós olha para o mundo ao redor querendo que ele lhe forneça paz e felicidade. Mas, apesar de todas as mensagens das indústrias de marketing e publicidade, coisas e eventos não trazem felicidade. Ao contrário, a mente fica tão cheia de esquemas, planejamentos e preocupações com a possibilidade de obter ou não aquilo que, segundo imaginamos, nos tornará felizes, que raramente experimentamos a calma e a paz que repousam em nosso íntimo.

*Quando despertamos para nossa verdadeira natureza, libertamo-nos da dependência do mundo externo em relação ao nosso sendo de eu e ao nosso bem-estar interior. Tornamo-nos livres para agir com mais inteligência e compaixão, atendendo às necessidades da situação em questão mais do que às do ego. Podemos ter acesso à **SABEDORIA** que repousa profundamente dentro de nós, e este é o próximo passo na evolução da inteligência: a transição do conhecimento acumulado para o desenvolvimento da sabedoria (grifo nosso).*

Assim, importante é que tenhamos a coragem suficiente para lutar contra o marasmo em que se encontra a Maçonaria, buscando aumentar o conhecimento para atingirmos o estágio da sabedoria, que no nosso entender é a capacidade de utilizarmos do nosso conhecimento em prol de todos, sem nos preocuparmos com os ganhos materiais que isso possa nos trazer.

O assunto é por demais vasto e longo, motivo pelo qual não nos atrevemos a prosseguir, sob pena de cansar a quem nos lê ou ouve, pois abordamos, apenas, um pequeno detalhe da imensa obra que se apresenta para nós todos, os Maçons espalhados pelos quatro cantos da Terra, e nossa intenção é a de chamar a atenção para que prossigamos discutindo os temas atuais para a difusão das ideias que interessam para nos prepararmos para esse futuro que se avizinha.

Encerrando, gostaria de citar um trecho na mesma obra acima mencionada, “O Mistério 2012, Predições, Profecias e Possibilidades”, no ensaio de Gill Edwards, “O Louco Amor nos Liberta”, p. 240:

É muito fácil ver os problemas do mundo. Porém, mudar para a nova cosmologia exige que focalizemos nossos desejos, nossas visões, nossas esperanças para o futuro, em oposição à crítica, à análise e à explicação do que está errado ou a culpar aqueles que estão “se comportando pessimamente”. A energia segue o pensamento. Estamos sonhando esse novo mundo para trazê-lo à realidade, portanto, precisamos ter sonhos pacíficos, amorosos e visionários.

Sonhemos com uma Maçonaria mais atual e atuante, que deve imperar no espírito de cada um de nós.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUT, António. *Introdução à Maçonaria*. Coimbra: Fora do Texto, 1996.

DIVERSOS AUTORES. *O Mistério 2012*. Predições, Profecias e Possibilidades. Geração Editorial, 2009.

FERREIRA, Antônio do Carmo. edição do autor, 2008.

RODRIGUES, Raimundo. *A Filosofia da Maçonaria Simbólica*. Londrina: “A TROLHA”, 1999.

_____. *Amizade e Justiça*. Londrina: “A TROLHA”, 2005.

_____. *Maçonaria, Filosofia & Doutrina*. Edições GLESP, 1999.

SCHÜLER SOBRINHO, Octacílio. *Maçonaria, Introdução aos Fundamentos Filosóficos*. Letras Contemporâneas, 2000.

_____. *Maçonaria, Introdução aos Fundamentos Sociológicos*, Letras Contemporâneas, 1999.

Planificar, Edificar, Realizar

*Irm.: Geraldo Ribeiro da Fonseca
Or.: Barbacena – MG*

CARL VON CLAUSEWITZ, Pensador prussiano, estudioso da guerra, autor de “**PRINCÍPIOS DE GUERRA**”, baseou sua obra na interpretação da estratégia de Napoleão Bonaparte. Segundo ele *as vitórias napoleônicas vinham de fatores morais*.

Clausewitz, estudando as campanhas napoleônicas, definiu estratégia como sendo: a combinação entre si de vários combates isolados. A estratégia elabora o plano de guerra, delinea o rumo para as diversas campanhas e prevê as batalhas a serem travadas em cada campanha.

Na Maçonaria a Estratégia traçada nas Lojas deve visar ao fortalecimento da Potência a que a Loja esteja filiada sendo, para isso, necessário o preparo intelectual e a liderança dos Veneráveis Mestres, respeitáveis condutores de homens livres.

Um Venerável capaz e inteligente pugna pelo fortalecimento de sua Oficina, instruindo e motivando Obreiros como argamassa sólida capaz de sustentar as Colunas da Loja que ele administra.

Excepcionais qualidades de caráter, profundo

conhecimento das Leis e Rituais Maçônicos, devotamento à causa de bem servir e uma personalidade bem formada são requisitos que se exigem de um Venerável Mestre, nunca perdendo de vista sua calma e firmeza nas decisões difíceis de se preservar em situações de crise, pois, sem elas, as mais brilhantes qualidades de espírito são dispersadas.

O Venerável Mestre, antes mesmo de tomar posse, deve escolher seus assessores e, com eles, manter diálogo franco no sentido de planejar as ações a serem desenvolvidas visando ao sucesso, dirigindo Sessões qualitativas e não apenas mensuradas por quantidade prevista no calendário.

Deve instruir principalmente os Aprendizes e Companheiros, levando-os a entender que todos os cargos ocupados em Loja são mutáveis periodicamente e que eles devem se preparar para assumi-los quando devidamente convocados na condição de mestres.

Delegar poderes aos Vigilantes, Orador e Secretário é fundamental. Ninguém administra sozinho, e a divisão de tarefas só pode melhorar o convívio entre os Irmãos, fazendo despontar novos líderes.

No desempenho dos trabalhos deve-se aquilatar a motivação dos Irmãos. A seriedade de propósito e o comprometimento dos administradores com todos os Irmãos são fatores decisivos do sucesso. É norma patente que “Toda organização espelha o exemplo de seus líderes”.

Venerável inteligente não age sob o impulso da pressa, da vaidade e do momento. Sentindo-se responsável pela condução da Loja, procura melhorar o relacionamento entre os Obreiros, motivando-os a trabalhar em equipe, pois o espírito de equipe une e leva à melhoria do relacionamento. Longe de

ser títere ou um deslumbrado com o cargo, o Venerável Mestre deve ser um facilitador de situações em quem o Obreiro, dentro e fora da Loja, encontra amparo e ombro amigo para orientá-lo, instruí-lo e incentivá-lo.

O progresso e ascensão de uma Loja Maçônica é decorrente da união dos Irmãos com um objetivo definido através de constantes diálogos visando empreendimentos. Cada Obreiro em Loja é importante e experiente em alguma coisa. Do somatório dessas experiências e suas efetivas aplicações, evidentemente, pode-se levar a bom termo qualquer empreendimento.

Bem assessorado por Vigilantes, Orador e Secretário, todo Venerável Mestre, administrador e líder vislumbra três importantes parâmetros: o psicossocial, o dogmático e o ecumênico.

O parâmetro psicossocial deve ser examinado, levando em consideração ser qualquer Loja Maçônica composta de homens advindos de classes sociais distintas, diferenciados por profissões, religiões, estado civil e idade.

Sem conhecer bem seus pares, vivendo com eles questões que lhes aguçam o espírito, será impossível a qualquer dirigente de Loja convencê-los a traçar metas e conquistar vitórias. Não bastam encontros semanais, repetição de Rituais e ágapes depois da Sessão para manter os Irmãos unidos.

Todos os Iniciados na Maçonaria passaram por sindicâncias “**ou foram entrevistados**” (grifo nosso). Seus espíritos foram sondados por provas simbólicas, mas, quase sempre, a vida, a profissão, a origem, a família, o trabalho, a saúde, o lazer e até mesmo a questão financeira deixaram de ser dimensionados como parâmetros de fidelidade à Instituição

Maçônica. Iniciar Maçom é uma coisa, formar Maçom é outra. Para reunir esses homens escolhidos e aceitos, muitos deles cansados e estressados pelas exigências da modernidade, é preciso que a Loja seja montada adequadamente não apenas com a beleza dos Altares, e incensos, mas com verdadeiro sentido de fraternidade e **MOTIVAÇÃO**.

O dogmatismo, ou seja, a imposição de ideias e princípios, fica evidenciado não apenas na abertura e no encerramento dos trabalhos de Loja, mas perdura no tempo e espaço dentro e fora dos denominados Templos Maçônicos. Estes Templos, na verdade, devem ser entendidos e vividos como “Templos individuais abertos à virtude”.

Uma Sessão de Loja pode e deve ser conduzida sem que seja necessário alongar-se no tempo e, para isto, todos os oficiais e dignidades se obrigam conhecer bem as atribuições de seus cargos. O horário de começo das reuniões não pode sofrer alterações, senão por imperiosa necessidade.

Não se concebe mais Loja Maçônica sem uma Secretaria Executiva com deveres diferenciados do Secretário que assiste à Sessão retratando-a em livro, CD ou disquete. Secretário executivo é para cuidar das correspondências e arquivo, além de outras obrigações. Em certas Lojas modernas e atuantes o Secretário de ofício já leva seu *Laptop* e, na própria Sessão, redige a ata, lendo-a para aprovação ao final da Sessão.

Loja sem biblioteca e Bibliotecário é inconcebível. Bibliotecário de Loja hoje deve ser Irmão com formação superior, não mero amontoador de livros em estantes. Um bom profissional do ramo sabe catalogar obras e autores. Biblioteca com livros mofados caracteriza Obreiros que não leem nem se aprimoram intelectualmente.

Sobre a frequência às reuniões, deve se conscientizar o Obreiro a comparecer à Loja com assiduidade, não porque os faltosos são excluídos do Quadro, mas, sim, porque é nos Templos que eles formam o espírito maçônico, no trabalho que adquirem o hábito de perseverar e na comunhão fraterna que assimilam os princípios orientadores da Ordem.

No cenário tumultuoso da hodierna vida social, onde está predominando a desorientação mental, criando desafeições, estimulando ódios e propiciando apologia ao crime, às drogas e ao sexo livre, em detrimento ao cultivo da inteligência e depuração dos sentimentos nobres, é mister que as reuniões maçônicas sejam veladas, mantendo-se o sigilo próprio dos cautelosos e vencedores.

É necessário, pois, que o sigilo seja imposto sobre certos assuntos nas reuniões, sabendo-se que o segredo consiste na significação esotérica dos Símbolos e nos Sinais com que se prova a identidade maçônica, além da palavra semestral, temporária e mutável, só acessível àqueles que trabalham efetivamente nas Oficinas.

O sigilo é, dentro da estratégia de manutenção do respeito que se tem pela Maçonaria, condição “*sine qua non*” da estabilidade de uma Loja e do bom êxito dos seus trabalhos. O sigilo, forrando o homem de circunspeção e prudência, é a pedra de toque do verdadeiro Iniciado Maçom.

O recebimento de Irmãos visitantes de outras Lojas, sejam de que Potência for, deve ser motivo de júbilo e contentamento. O telhamento do visitante, quase sempre esquecido, deve ser motivado não pela desconfiança, mas pela certeza do preparo do Irmão nas sutilezas do Ritual e na segurança dos trabalhos a que vai assistir.

As solenidades de Iniciação, Filiação e Regularização devem ser previamente delineadas para que não se transformem apenas em “festa” de ostentação de Aventais, medalhas e distinções, mas em momento de reflexão e verdadeiro sentimento de FRATERNIDADE.

Na maioria das Lojas, a prática da filantropia tem respaldo na beneficência praticada pelos Obreiros apenas através do óbolo deixado pelo Irmão. Uma Loja bem administrada e com uma hospitalaria bem orientada é capaz de entender que a prática desinteressada da filantropia não é apenas distribuir esmolas através de pequenas doações a esta ou aquela entidade caritativa.

A Maçonaria é chamada, no momento em que vivemos, a preparar o homem para grandes destinos e não apenas para matar a fome daqueles ignorantes que dão crédito aos distribuidores de bolsas família, bolsa escola, bolsa miséria... Formar o homem, mitigar-lhe a fome, sim; deformar o cidadão jamais.

A filantropia maçônica é muito mais abrangente e diz respeito à formação da cidadania e do caráter humano, combatendo a hipocrisia, os desmandos administrativos e a corrupção.

Esta filantropia foi denominada por meu Padrinho, ilustrado mineiro e Mestre Maçom de invulgar cultura, Dr. Leonardo Vieira Peret, de *FILANTROPIA MORAL*.

Visitar escolas, proferir palestras elevando os valores cívicos, cantar e ensinar o hino nacional, hastear o pavilhão nacional nos monumentos públicos, participar dos conselhos comunitários, visando à defesa dos direitos da criança, do

adolescente e dos idosos é também ser filantropo e praticar a filosofia maçônica.

A presença maçônica nas Escolas de nível médio e superior, através de professores e educadores Maçons, é fator preponderante na estratégica ação de estender as reuniões maçônicas à sociedade. Nada mais justo e perfeito que fomentar e repassar para a juventude valores e ensinamentos aprendidos na filosofia maçônica e na convivência com cidadãos íntegros e de ilibada conduta.

Visitas às Câmaras Municipais, fiscalização rigorosa dos trabalhos do Legislativo Municipal, Estadual e Federal (Câmara e Senado) deve ser preocupação dos Maçons que têm a obrigação de preparar líderes políticos com a função de assumir cargos públicos. Toda Loja tem a obrigação de ter um político atuando no legislativo e muitos funcionários públicos honestos e realmente limpos e puros.

Ao estimular a criação de núcleos “De Molay” e “Filhas de Jó” as Lojas, por menores que sejam, estarão, estrategicamente, ocupando espaço em suas reuniões e estreitando laços de fraternidade entre pais e filhos, tios e sobrinhos. Mesmo aquele Irmão afastado ou pouco frequente estará de pé e à Ordem, sabendo que seus filhos estão acolhidos em meio sadio e formador.

O Poder Judiciário, através dos nossos Juízes, Ministério Público e demais órgãos devem receber apoio das Lojas e Veneráveis, pois os Maçons jamais deixaram de ser chamados a servir e nunca faltaram ao comprometimento com o que é Justo e Perfeito.

Sabemos que, no momento presente, o flagelo das

drogas persegue os lares, destruindo a família, onerando os cofres públicos, matando e ceifando vidas jovens.

Por muito tempo foi atribuído ao Maçom poder, glória e fama devido à atuação da Maçonaria nas ações libertárias e no plano caritativo confrontando com forças adversas.

Participar de campanhas de alerta ao público, comprometer-se com os órgãos de segurança a ser parceiros em projetos de formação e segurança dos cidadãos é praticar filantropia maçônica.

Muitos procuram Iniciação certos de que a Maçonaria atua diretamente no combate aos vícios de toda ordem. Afinal, ouviram nas esquinas, dito por Maçons sentados nos bares à frente do chope gelado, que em Loja eles Cavam Masmorras ao Vício.

Tem-se constatado grande número de Iniciados e poucos permanecem por mais de dois anos ao lado dos “Irmãos”, e para este acentuado número de afastamento, tem-se buscado explicações e soluções, esquecendo-se que *nada se planeja, quando são ineficientes os meios de luta.*

Como manter um jovem aceso e interessado em algo para o qual foi atraído, sem dar-lhe condições adequadas de vivenciar os atrativos que lhes são comuns. A vasta literatura, divulgando o mistério, o suspense e mesmo a aventura na busca do insondável mundo místico, levantou o manto que encobria a Maçonaria e fez com que muitos nela buscassem abrigo apenas por curiosidade.

A mídia e o virtualismo desmistificaram tabus e hoje qualquer menino acessa seu computador buscando lições sobre o que foi e é Maçonaria. Centenas de livros e revistas informam sobre Maçonaria e quais autores ou livros merecem

crédito, enfim, quando chega em Loja, o Iniciado pouco ou quase nada recebe ou lhe é acrescentado a não ser absurdas exigências de frequência, pagamento disto e daquilo, além de ostentação de grandeza aparente e ilusória.

Perdido em piadas sem nexos e graça, envolvendo personagens do presente e do passado, tem-se exigido do Aprendiz preciosismo vocabular quando ele sequer domina o tratamento de terceira pessoa do singular.

Infeliz, analfabeto da língua portuguesa, vítima da péssima educação vigente no País, o jovem Aprendiz Maçom, tão logo Iniciado, é lançado num intrincado tratamento de segunda pessoa do singular e plural, repetindo o “Não vo-la posso dar senão soletrada... Dai-me e vos darei...”

O que é novo atrai. Não seria uma solução motivadora se fosse cobrado do Obreiro a discussão sobre este ou aquele assunto, ou mesmo seu ponto de vista sobre o Paineis da Loja ou sobre a modernidade do ato de incensar, praticado em certos Rituais? Como ler Ritual sem se ter a noção exata do que é Ritual e Ritualismo? O que são Potências Maçônicas? Por que tanto divisionismo se a Maçonaria é una? A lei básica e Constitucional de cada Potência é lida e conhecida? Como conhecer sem experimentar e vivenciar?

A propósito, é de se perguntar quantas Lojas mantêm instrução semanal para os Aprendizes e que cultura têm os Irmãos destacados para ministrar essas instruções? Sinais, Toques e Palavras, entrada no Templo, e circunvolução não passam de ensinamentos elementares.

A vivência comunitária específica da Loja deve ser medida pelo ecumenismo e não pelo individualismo hipócrita de

alguns que se arvoram em chefes de Loja sem levar em conta que as Lojas precisam de Líderes.

Felizes e realizados nos consideramos, buscando consenso daqueles que nos ouvem e leem, prestigiando a orientação que nos foi legada pelo Grande Arquiteto do Universo iluminador das consciências livres e dos corações bem formados na busca da verdade. Fomos formados acreditando que um plano de paz e concórdia bem traçado é estratégia perfeita para que as Lojas sejam instrumentos de Unificação da Maçonaria Brasileira.

∴

ESTRATÉGIA – TÁTICA – LOGÍSTICA

Arte dos Generais x Arte dos Estadistas... Espada Toga

O segredo da vitória está na agressividade, na destruição das forças inimigas. A guerra não se decide no campo econômico.

Por uma alma forte se deve entender não aquela que só conhece as fortes emoções, mas aquela em que as fortes emoções não perturbam o equilíbrio.

Em qualquer ação específica, seja qual for sua medida, teremos sempre que escolher entre a solução mais audaciosa e a mais prudente.

Nenhum chefe militar jamais se tornou grande sem audácia.

Um princípio fundamental é nunca permanecer completamente passivo e sem atacar o inimigo de frente ou de flanco, mesmo enquanto ele está nos atacando.

Perseguir um objetivo altamente decisivo com força e determinação.

Somente a perseguição do inimigo batido dá os frutos da vitória.

Importância dos fatores morais leva às estratégias da vitória.

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá, também, uma derrota. Se você não conhece o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas.

O que é Maçonaria?

*Irm.: José Marcos Ribeiro da Fonseca
Or.: Juiz de Fora – MG*

Esta pergunta é feita diariamente por milhares de pessoas espalhadas pelo mundo.

O termo maçom é uma palavra que significa pedreiro. Na antiguidade os maçons foram os construtores do mundo. A partir do Iluminismo Francês e em contraponto ao obscurantismo da Idade Média, com o objetivo de manter vivo e efervescente o conhecimento, os filósofos e pensadores se aproveitaram das corporações de construtores para criar o que denominaram de Maçonaria Especulativa. *Seriam os construtores não mais de obras, mas sim do homem e, por conseguinte da humanidade.*

Uma definição bem objetiva do que a Ordem Maçônica é, para que qualquer leigo entenda, vem do texto publicado pelo Irm.: Donald Malschitzky no jornal Tribuna Catarinense:

A Maçonaria é uma escola filosófica que congrega homens de bons princípios, destinada a empreender esforços para o bem da humanidade, desenvolvendo a tolerância racial, religiosa e social e cultuando o direito, a justiça e a verdade.

A Maçonaria, adogmática, não tem preconceito de raça ou de cor, não inquire sobre as crenças ou princípios filosóficos e religiosos dos seus componentes. Exige-lhes, isto sim, a aceitação do Princípio Criador definido aqui como o Grande Arquiteto do Universo. Não somos pois, materialistas. *Nossa maior ânsia, o encontro com a Verdade é nossa preocupação constante.*

Em uma maneira simplista podemos dizer que a Maçonaria é um país dentro de outro país. Um país onde não há analfabetos, não há fome e *onde se cultua a liberdade de expressão, o livre-arbítrio, o conhecimento, a fraternidade e a igualdade de todos perante a lei.* Um país que busca constantemente a verdade na sua forma direta e objetiva, sem paixões políticas, religiosas ou preconcebidas. É a busca do homem em si mesmo. O grande segredo da Maçonaria não existe e, pela lógica cartesiana, não há segredo a ser divulgado. Ao nos irmarmos em busca da verdade e da liberdade temos como ponto de partida o conhecimento de nós mesmos e, obviamente, este conhecimento próprio é restrito ao indivíduo.

Dito isto como preleções literárias, vamos à Constituição do GOB para ver que em seu artigo 1º a Maçonaria é definida como sendo “... uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, ...”.

Iniciática e simbólica porque transmite através de sua simbologia seus conhecimentos, suas tradições, sua filosofia através de estudo *para promover o crescimento intelectual e moral;*

Progressista porque não se apega a dogmas, prevenções ou superstições e, ainda, não reconhece outro limite na busca, senão o da razão com base científica;

Filosófica porque caminha em busca do conhecimento e da sabedoria a fim de se estabelecer os valores da verdade diante do conceito da razão. *É a Maçonaria uma instituição que busca o aperfeiçoamento do homem, este, sim, o objetivo da Ordem.*

Como consequência desta filosofia nasce o homem **Filantropo** no sentido de ser solidário à humanidade, ou seja, humanitário.

E mais: *“Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da Humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade”.*

Dentre as diversas definições que se encontra sobre a Maçonaria, a que melhor encontramos vem da isenta Enciclopédia Alemã Brokhaus:

A Maçonaria é uma sociedade universal que tem como objetivo orientar seus adeptos para um humanismo nobre dentro de uma ética natural. Todo Maçom é obrigado a aperfeiçoar-se no sentido humanitário, a exercitar-se na tolerância e a procurar constantemente a verdade. Todos os Maçons se consideram como Irmãos, combatem o totalitarismo, o fanatismo e o espírito de casta. Todos os Maçons aspiram à paz numa vida pacífica, baseada na Justiça Social. Todos veneram o Ente Supremo e sua Criação.

Na Iniciação aprendemos que:

Não deveis combater somente as vossas paixões, mas a todos os inimigos da Humanidade, quais sejam: os hipócritas, que a enganam; os pérfidos que a defraudam;

os fanáticos, que a oprimem; os ambiciosos, que a usurpam e os corruptos e sem princípios, que abusam da confiança do povo.

E mais:

Aqui trabalhamos para acostumar o nosso espírito a curvar-se às grandes afeições e a não conceber senão ideias sólidas de bondade e de virtude, porque é só regulando os nossos costumes pelos princípios eternos da moral, que podemos dar à nossa alma esse equilíbrio de força e de sensibilidade que constitui a sabedoria (Ritual 1º Grau – Aprendiz Maçom – Rito Escocês Antigo e Aceito, 2009 – Grande Oriente do Brasil).

Em nenhum momento encontramos dentre a literatura maçônica a definição de que a Maçonaria seria uma Instituição Beneficente. A Maçonaria não é uma sociedade de caridade! Seu conceito diz que é Filantrópica, como já dissemos, no sentido de sermos solidários à humanidade... e, pelo seu aperfeiçoamento moral deve, entre outras coisas, praticar *desinteressadamente* a Beneficência.

Assim, entendemos que, diferentemente de como alguns ainda insistem em divulgar, *a Maçonaria não tem como meta a Beneficência*. Não é uma sociedade de caridade. Este não é nosso papel primordial. Quando o Maçom pratica a Beneficência o faz no sentido de amor à humanidade. Para melhor ilustrar, tiro do conceituado autor maçônico Marcos Santiago a seguinte observação:

A inexistência de uma proposta, que de qualquer forma será filosófica no real sentido do termo, leva inevitavelmente à terrível confusão que faz com que a Maçonaria

se exprima atualmente em campanhas beneficentes, meramente promovendo a distribuição de alimentos e agasalhos aos mais desfavorecidos... Para estes objetivos, também nobres, não é necessário ser Maçom; outras instituições, paróquias ou associações comerciais são capazes de fazê-lo e melhor, não exigindo de seus membros todo um longo processo de Iniciação nem os submetendo a reuniões ritualísticas, com vestimentas, adornos, posições e falas predeterminadas. Do Maçom, como construtor, é esperada a construção de uma nova humanidade a partir da abertura individual das mentes.

Assim, meus Irm.·., entendo que o conhecimento, o aperfeiçoamento moral, o cumprimento inflexível do dever, a investigação constante da verdade, a busca na edificação de uma sociedade melhor a partir do desbastar da P.·. Bruta, estas sim são ações eminentemente maçônicas. São as ações que nos levam à construção de uma nova sociedade. Não que o Maçom não deva ou não possa fazer beneficência, pelo contrário, a prática desinteressada da caridade é um desbastar da P.·. Bruta, traz um crescimento espiritual e moral.

Não sou contra e tampouco considero que não se deve ajudar ou dar auxílio aos necessitados. Infelizmente no nosso País as oportunidades não são iguais e nós somos privilegiados por podermos dar mais conforto a quem precisa, no entanto, na minha modesta consideração, podemos fazer isto de forma individual sem a necessidade do envolvimento da Loja... mesmo porque esta também é uma forma de crescimento pessoal interior desde que seja espontâneo, livre e desinteressado. A ajuda por obrigação ou por descargo de consciência – como acontece com alguns – é apenas mais uma ajuda que também

auxilia a matar a fome sim, mas a ajuda que vem do coração, acompanhado de calor humano, este sim é o que provoca o crescimento interior, este é o que aperfeiçoa o homem.

Mas não basta esta pregação solitária, é necessário ação. Às vezes bonito de se ouvir mas esquecido quando se sai do Templo... Afinal, qual a verdadeira função da Maçonaria? Que viemos aqui fazer? Por que nos encontramos semanalmente? Para bater Malhetes? Entendo, meus Irmãos, que o principal objetivo da Maçonaria seja o aperfeiçoamento do homem na “construção de uma nova humanidade”. Afinal, uma proposta filosófica. *A Maçonaria é uma escola de auto-conhecimento e aperfeiçoamento individual*, e este é o motivo que nos traz semanalmente, mês após mês, ano após ano, para trocarmos experiências, para ouvirmos conhecimentos, para dialogar, para nos ajudar, para nos descobrir, para nos banhar de fluidos positivos, para encontrar caminhos para o bem, para procurarmos a verdade, enfim, para aprendermos a “**levantar Templos à virtude...**”. E como agir? Extravassando nossos conhecimentos, praticando justiça, espalhando bondade, aprimorando-nos, colocando nos cargos de decisão política homens de qualidade e com visões honestas, perseguindo alternativas que nos indiquem soluções, contribuindo com sugestões, planejando ações, promovendo diretrizes, vivendo sob os ditames da honra, medindo nossas ações, atitudes, palavras, atraindo os jovens e passando a eles experiência com honestidade e decência, educando, ousando na construção desta Obra de humanidade, viabilizando objetivos, enfim, demonstrando através do exemplo de nossa conduta na sociedade, o que a Maçonaria pôde fazer por cada um de nós, destacando-se positivamente na comunidade

e contagiando pelo exemplo de suas qualidades. E ainda, “... **cavar masmorras ao vício**”, mobilizar a sociedade, ajudar os menos afortunados, ensinando a justiça, empreendendo benevolência, combatendo a tirania, a opressão, o egoísmo e a deslealdade, esclarecendo a verdade, procurando eliminar as distorções sociais e atacando os problemas que afetam a comunidade, amando o próximo, preparando uma humanidade melhor. Os problemas a serem enfrentados são muitos e podemos ajudar a solucioná-los com criatividade, com informação, com perseverança, com educação no lar, no ambiente de trabalho, com os amigos, e com certeza dentro de Loja procurando transformar o indivíduo em cidadão, o Profano em Aprendiz, resgatando a dignidade. É o que se espera de um Maçom. Moral e Honestidade.

Para encerrar, quero evocar a advertência do Irm.: Paulo Roberto Pereira de Souza, do Or.: de Maringá: “Nunca menosprezemos nossa capacidade de mudar aquilo que pode ser mudado”.

Planejamento Estratégico nos Três Graus

Irm.: Luiz Carlos Trainini
Or.: São Sebastião do Cai – RS

As Lojas Maçônicas brasileiras, nos variados Ritos e Potências sofrem frequentemente de um número elevado de desistências (*Quite Placet*) nos três Graus. Algumas razões deste fato relacionam-se com a falta de planejamento das instruções, nem sempre claras e interessantes e às demais datas a que uma Loja está sujeita em seu calendário. Outra razão se deve ao preparo insuficiente de Mestres, que não leem e não realizam pesquisas, tornando suas instruções pouco atraentes e com parco conteúdo científico, cultural e esotérico.

Observa-se ainda que os Obreiros tragam temas de sua profissão, atuais, bem escritos e descritos, entretanto, são temas profanos, sem um cunho maçônico, portanto, mesmo que haja o entendimento da Loja, não são assuntos da Arte Real, portanto, não podem ser considerados como instruções e sim assuntos gerais e que não deveriam tomar o tempo dos trabalhos, uma vez, para que a Reunião não se prolongue, os verdadeiros temas da Maçonaria serão deixados para uma outra noite, o que é lamentável.

Percebem-se também alguns Mestres, inadvertidamente ou por vaidade, falarem abertamente em Loja, sobre temas de outros Graus, acima do que está sendo trabalhado naquela noite, bem como trazerem assuntos dos Graus não Simbólicos, chamados na prática de Superiores ou Filosóficos, como se uma Loja Simbólica fosse considerada inferior e que nela não se praticasse os conhecimentos filosóficos da Arte Real. Causa nos Aprendizes e Companheiros um sentimento de inferioridade, inveja, vontade de chegar logo o seu tempo de ascender a esses Graus, desconhecendo a beleza e profundidade do que está colado.

Outra prática que deveria ser evitada ao máximo é o trazer problemas da Loja, administrativos ou não, em Sessão de Grau I ou II, pois os Aprendizes e Companheiros ainda não têm o suficiente conhecimento de tudo o que se passa além dos trabalhos nas reuniões, portanto, poderia gerar certa desconfiança, surgindo a dúvida sobre a desarmonia, contrapondo ao preceito de que a Loja seja Justa e Perfeita, com os Irmãos em Pé e à Ordem. Não é simples ocultação dos fatos, mas procurar sempre divulgar a Paz, a Unidade, a Tolerância e a Fraternidade e as vicissitudes seriam discutidas e resolvidas em Câmara do Meio. A prática tem demonstrado que esse cuidado mantém a Loja unida e coesa, com as dificuldades sanadas sem alarde, com segurança e maturidade.

Os Aprendizes são homens adultos, isto é, uma incontestável verdade, entretanto, simbolicamente ainda não abriram seus olhos e os Companheiros só parcialmente e a Luz que não receberam na plenitude simboliza o conhecimento da Arte Maçônica, chegará a vez e a hora, por isso a preocupação deve sempre ser a mais harmônica e otimista possível,

criando o suficiente embasamento para ser um preparado, tranquilo e seguro Maçom.

Esses fatos são evidentemente atos falhos dos VV.: MM.:, dos VVig.: e dos demais Mestres, que não estimulam, não incentivam, não mostram a beleza, importância e profundidade do Nome “Maçom”, dando a triste constatação que só o é quem galgar a esses “altos” Graus da Escada de Jacó.

A expressão “Loja Simbólica” deveria ser amada como uma poesia, venerada como uma obra do Grande Arquiteto do Universo, motivo de alegria e orgulho e se isso fosse possível, e é a vontade de participar dos trabalhos, a ânsia de que chegue a noite da Reunião, faria as Lojas ficarem cheias, com entusiasmo, com amor, mas tristemente se percebe o esvaziamento, desinteresse e se não for tomada uma atitude, um “mea culpa” da parte das Luzes, ficaremos vendo a estatística da alta frequência nos outros países e nos perguntando o que está acontecendo conosco.

Desde nossa Iniciação ouvimos que o nosso Trabalho Maçônico não se encerra quando a Loja é fechada e vamos para nossa residência. Se for verdade, deveria então ser cultivada a prática de os Irmãos se visitarem durante a semana, incentivar a relação entre nossas Cunhadas, pois é o nosso sustentáculo moral. A relação entre a Irmandade deve ser estreitada por telefonemas, contatos pelo correio eletrônico, visitarem-se, participação em eventos festivos, sociais, culturais e esportivos. Embora sejam situações do mundo lá fora, contudo, nosso Templo Espiritual, que não tem local e data, somos nós mesmos, ele estaria sendo cultuado e a visita à Loja seria sua continuidade. Os dois Templos: o Interior e o Exterior estariam perfeitamente fundidos em um só.

Outro motivo para entendermos que a Loja não se encerra quando vamos ao Ágape, após a Sessão, mas o que é Ágape? Para a maciça maioria de Maçons é o jantar, o consumo de bebidas, as piadas. Embora isso possa fazer parte, na verdade é algo muito mais profundo: Ágape é o encontro de amor entre os Maçons, é a confraternização em que o alimento é a parte menos importante, é simbolicamente dividir o pão como Jesus Cristo, o Divino Mestre, fazia. Naquele momento, mesmo regado com bebidas, na verdade se está dividindo o íntimo de cada um com quem está a seu lado e este com o seguinte, como verdadeira Cadeia de União e se entendermos o seu verdadeiro sentido, a presença física no mesmo fará crescer o nosso Espírito, contribuindo para a harmonia da Loja nas reuniões seguintes.

A presente Peça de Arquitetura intitulada “Sessões Maçônicas” representa hipoteticamente uma Loja Maçônica, composta por 20 a 30 Obreiros, trabalhando de março à metade de dezembro de 2011.

Para a distribuição dos trabalhos será levado em conta o número de semanas mensais e anuais naquele período.

Serão consideradas as Sessões Magnas, feriados, visita do S.: G.: M.:, Sessões conjuntas com outras Lojas, datas comemorativas, instruções nos três Graus e Peças de Arquitetura apresentadas pelos Obreiros nos três Graus, para a Subida de Salário, temas livres, sempre com a concordância dos Vigilantes, nos Graus Um e Dois e Comissão de Liturgia e Ritualística para os Mestres.

No calendário da Loja estarão predefinidas as datas de Iniciação, Elevação, Exaltação, Filiação e Regularização.

SESSÕES MAÇÔNICAS

Programação de uma Loja Simbólica

A programação de uma Loja Simbólica deve ser dividida em semestral e anual.

Sua principal diferença está na sequência das instruções, pois as demais ações serão programadas ao longo do ano.

Corpo de Obreiros da Loja

Para fins didáticos vamos apresentar hipoteticamente uma Loja composta por 20 a 30 Obreiros, como são a sua maioria, no entanto, esta pesquisa poderá aplicar-se a um número maior de Irmãos.

Distribuição dos Obreiros nos três Graus da Loja:

Loja com 20 Obreiros	Loja com 30 Obreiros:
04 Aprendizes	07 Aprendizes
03 Companheiros	06 Companheiros
13 Mestres	17 Mestres

Sessões Anuais

Ao programarem-se as instruções, inicialmente devem ser verificadas quantas semanas haverá no ano, descontando-se o período de recesso que no Sul ocorre a partir de 15 de dezembro, mais os meses de janeiro e fevereiro.

Como exemplo prático a Loja trabalha nas terças-feiras e é claro que pode ser qualquer dia da semana.

Tendo como referência o ano de 2011 temos, mês a mês, o seguinte número de Terças-feiras:

Março	5 terças-feiras	Agosto	5 terças-feiras
Abril	4 terças-feiras	Setembro	4 terças-feiras
Maiο	5 terças-feiras	Outubro	4 terças-feiras
Junho	4 terças-feiras	Novembro	5 terças-feiras
Julho	4 terças-feiras	Dezembro	2 terças-feiras

Analisando a tabela acima, distribui-se as Sessões da seguinte maneira, considerando-se os meses com 4 ou 5 terças-feiras, embora possa haver algum feriado, o que reduziria o seu número em um determinado mês:

1ª terça-feira	Grau I	Todos participam
2ª terça -feira	Grau II	Companheiros e Mestres participam
3ª terça -feira	Grau I	Todos participam
4ª terça -feira	Grau I	Todos participam
5ª terça -feira	Grau III	Somente Mestres participam

Tipos de Sessões

Deve-se ser levado em consideração que em datas especiais não deverá haver instruções:

Sessões Magnas

- Aniversário da Loja;
- Dia do Maçom;
- Homenagem às Mães;

- Datas Estaduais (ex.: 20 de setembro no RS, Inconfidência Mineira em MG etc.).

Sessões Especiais

- Sessão Solene de Visita do S.: G.: M.:
- Sessão conjunta com outra Loja – nesta poderá haver instrução, porém, a mesma deverá interessar a ambas as Lojas, fugindo em parte da programação inicial, pois como todo bom Planejamento deve ser uma “Trilha e não um Trilho”, segundo Albrecht (2002), o planejamento é uma metodologia gerencial que permite estabelecer a direção a ser seguida pela Loja, visando o maior grau de interação entre o programa e os Obreiros.
- Sessão de Iniciação (não deverá haver mais de duas por ano, e realizadas em maio ou junho, outubro ou novembro);
- Sessão de Elevação (não deverá haver mais de duas por ano, e realizadas em maio ou junho, outubro ou novembro);
- Sessão de Exaltação (não deverá haver mais de duas por ano, e realizadas em maio ou junho, outubro ou novembro);
- Sessões Administrativas – preferentemente em Câmara do Meio;
- Sessão de Filiação, a data é imprevisível;
- Sessão de Regularização, a data é imprevisível.

Ressalte-se que em feriados nacionais, estaduais ou municipais não haverá Sessão, exceto aquelas previstas no calendário da Loja.

Deve-se evitar ao máximo que uma Sessão inicie em um Grau, passe a outro e retorne ao anterior, a não ser em casos extremos e inadiáveis. Quando assim ocorrer, contará somente como Sessão do Grau inicial em que os trabalhos foram iniciados, mesmo quando assuntos administrativos ou outros tenham sido decididos na passagem para o Grau seguinte.

Muitos VV.: MM.: dispensam dos trabalhos Aprendizes e Companheiros se a Loja estiver trabalhando em um Grau acima. O recomendável é que nestas datas eles sejam direcionados às Lojas coirmãs que operem em seu Grau, acompanhados por um Mestre da Loja, após prévio acordo entre os VV.: MM.:. Esta sequência de trabalhos mantém a Egrégora, a sociabilidade e a continuidade do aprendizado.

Instruções

Percebe-se que a falta de instruções leva ao desinteresse, à baixa frequência e abandono da Loja, elas devem ser apresentadas sempre com conteúdo prático, que traga ensinamentos e que incentive a pesquisa e o estudo, formando bons Maçons com cultura e maturidade maçônica (LOUREIRO, Milgar Camargos. Quantificação das Evasões Maçônicas de Lojas – *Cadernos de Pesquisas 16*, Editora “A TROLHA”, Londrina, 1999, p. 179).

As reuniões não podem ser tão curtas, ao ponto de que os temas que interessam à Loja sejam deixados de lado, pois a parte administrativa é fundamental à sua maturidade. Deve haver também o conveniente espaço para as instruções e peças de arquitetura.

Por outro lado, não podem estender-se em demasia, uma vez que se torna monótono, perdendo o encanto.

Em todas as Sessões Econômicas no 1º e 2º Grau deverá ser administrada a instrução pelos VVig.: aos Obreiros de suas Colunas, podendo com prévia programação e concordância do V.: M.: ser proferida por um Mestre da Loja, partindo-se dos mais experientes: Ex-Veneráveis, Oradores, Secretários e na continuidade por Mestres menos experientes. Deve ser incentivado o convite a Mestres de outras Lojas, com o entendimento prévio de qual será a sua instrução (“Ritual do Aprendiz Maçom e do Companheiro Maçom”. R.: E.: A.: A.: / G.: O.: R.: G.: S.:, 2010).

Como há somente 3 ou 4 Sessões do Grau III por ano e os temas de grande relevância como Administrativas, Penais ou afins são apresentados em Câmaras do Meio, assim, mesmo com o tempo reduzido, deve ser estimulado a que os Mestres recebam instruções de Mestres de reconhecida sapiência maçônica (“Ritual do Mestre Maçom”. R.: E.: A.: A.: / G.: O.: R.: G.: S.:, 2010).

Estas devem passar inicialmente pela Comissão de Liturgia e Ritualística, também denominada de Docência, a qual analisará se seu conteúdo condiz com o programa da Loja, se o tema está relacionado com o Grau e os preceitos maçônicos.

Peças de Arquitetura de Aprendizes

Eles devem ser incentivados a apresentá-las, para treinar desenvoltura, aprimorar a escrita e a linguagem, desenvolver o conhecimento maçônico. Estas Peças não deverão ser somente

para a Subida de Salário, mas para incentivar a apresentar outras mais, desde que não ultrapasse os limites do Grau.

Como seu conhecimento maçônico é restrito ao Grau e, salvo algumas exceções, não está habituado à Pesquisa Maçônica, é recomendável que seja solicitado o auxílio de Irmãos mais experientes, preferentemente de Mestres, os quais, dependendo de quanto sabem, o que nem sempre acontece, terão suficiente embasamento para orientá-los. Não quer dizer que a Peça de Arquitetura seja feita por outro, mas tão somente orientação para que a mesma esteja em conformidade com o Grau e Preceitos Maçônicos.

Para mudança de Grau preferentemente serão apresentadas na última semana de cada mês, tendo sido indicada pelo 1º Vig.:, analisada após a conclusão do mesmo e então liberada para que o Aprendiz a apresente Entre Colunas.

Recomenda-se que o Aprendiz não só leia, mas discorra oralmente sobre sua pesquisa. A Peça de Arquitetura deverá respeitar a um padrão de formatação, acompanhado de Bibliografia, o que dá, além da opinião pessoal do apresentador, embasamento histórico e o gosto pela pesquisa nos livros maçônicos existentes. É válido e recomendável que ele busque orientação nos Mestres para a elaboração de seu trabalho, não se tratando que alguém faça por ele, mas que o auxilie na busca dos temas, conteúdo, salientando o que será mais útil e que se enquadre no seu Grau.

Essa prática muitas vezes é desdenhada por Mestres, pois alguns não sabem e, não sabendo, incomodam-se com Aprendizes estudiosos.

Outros temas livres devem ser também proferidos,

sempre com a supervisão do 1º Vig.·, o qual analisará se condiz com o Grau e se não contém erros de algum escritor.

Peças de Arquitetura de Companheiros

Se forem bem orientados como Aprendizes, sua Pedra Cúbica lhes possibilitará comporem excelentes Peças de Arquitetura, condizentes com seu Grau, após prévia indicação pelo 2º Vig.· e sua posterior análise do conteúdo da Peça.

Da mesma forma, como foi sugerido acima, é recomendável que seja solicitado o auxílio de Irmãos mais experientes, preferentemente de Mestres, os quais, dependendo de quanto sabem, o que nem sempre acontece, terão suficiente embasamento para orientá-los, pois o Companheiro aprendeu parcialmente a redigir uma Peça de Arquitetura quando Aprendiz, porém agora os temas são mais profundos e abrangentes, exigindo mais conhecimento, entretanto, a pesquisa pode levá-lo a ultrapassar os limites do Grau, sendo uma das razões de ser orientado e ajudado por um Mestre, supondo-se que esse esteja suficientemente cômico do Saber Maçônico.

Como ele já abriu parcialmente seus olhos, mais razão tem para que, entre Colunas, não só leia sua pesquisa, mas explique, discorra sobre ela, mostrando que a bibliografia apresentada realmente foi lida, abrindo o caminho para sua Jornada Maçônica e este Grau, que é o mais lindo, lhe trará embasamento para o futuro Mestrado.

Peças de Arquitetura de Mestres

Poeticamente ouve-se que, ao se chegar a Mestre,

atinge-se a Plenitude Maçônica, supondo-se então que ele sabe muito, é dedicado, lê, pesquisa, estuda e instrui. Sendo verdade, o Mestre deve ser um bibliófilo, ler muito, escrever outro tanto e, quando falar, relatar verdadeiros exemplos e histórias de Maçonaria.

O Mestre deve apresentar sim, seja em Câmara do Meio ou em Grau 1 e 2, Peças de Arquitetura que sejam verdadeiras instruções, exemplo e estímulo para Aprendiz e Companheiro, pois devem estudar e dar o exemplo aos Companheiros e Aprendizes, por isto é Mestre. Mestre que sabe, ensina.

Observam-se, entretanto, Mestres que sabem muito pouco, por desinteresse, porque não foram suficientemente estimulados quando ainda eram Aprendizes ou Companheiros, talvez porque não lhes foi permitida a livre manifestação, pela rigidez da Loja, por tantas razões negativas que lhes impediu a real Construção de seu Templo Interior e isso entristece o espírito Individual do Maçom e a Egrégora do Templo, sendo como um barco sem rumo e não como guia dos Irmãos mais novos. Compete ao V.: M.: detectar em tempo a evolução do Aprendiz e Companheiro, para que se forme o perfeito Mestre.

Planejamento Estratégico nos Três Graus

- a) Peças de Arquitetura do Aprendiz – são peças obrigatórias apresentadas pelos Aprendizes entre Colunas cujos temas são: Minha Iniciação, Questionário (sustentação oral, respondendo a três perguntas entre 33, sobre o Grau. Devendo ainda ser entregues as 33 respostas por escrito ao 1º Vig.:) e tema indicado pelo 1º Vig.: ou a pedido do próprio Aprendiz, se ele mostrar suficiente discernimento e desenvoltura

- para escolher o assunto. Devendo sempre ser acompanhado de bibliografia.
- b) Peças de Arquitetura do Companheiro – são peças obrigatórias apresentadas pelo Companheiro Entre Colunas cujos temas são: As Cinco viagens discorrendo sobre elas, sua compreensão, a filosofia, o esoterismo, como entendia ser Aprendiz e como imagina ser o Grau de Companheiro, contendo ou não bibliografia; Questionário (sustentação oral, respondendo a cinco perguntas entre 33, sobre o Grau. Devendo ainda ser entregue as 33 respostas por escrito ao 2º Vig.:); e tema indicado pelo 2º Vig.: ou a pedido do próprio Companheiro, se ele mostrar suficiente discernimento e desenvoltura para escolher o assunto. Devendo sempre ser acompanhado de bibliografia.
- c) Peças de Arquitetura do Mestre – como alguns pretendem ingressar nos Graus Inefáveis, além de mostrarem para si e à Loja, que estudam, leem e pesquisam, também lhe será apresentado um questionário contendo 33 questões do Grau, que deverá ser debatido em Câmara do Meio. É recomendado que as apresentem, pois têm mais condições de entenderem o que os escritores Maçons editam e se foram bons Aprendizes e Companheiros estarão verdadeiramente na Plenitude Maçônica.

Conteúdo das Instruções

Obrigatórias de cada Grau, presentes nos Rituais, sendo seis no Grau 1, três no Grau 2 e quatro no Grau 3.

Quanto ao tema para desenvolvimento de um “Trabalho” a ser apresentado, como é previsto em nossa legislação, independente do Grau de Acesso, procuro, em consonância com os demais membros da comissão, escolher um tema, de caráter maçônico e, por vezes, biografia maçônica de um ilustre Irmão (ALVES. “Peças de Arquitetura”, 2008).

Há Lojas, nas quais se busca muito mais o misticismo e o esoterismo, o estudo da Cabala Judaica, no estudo do Egito Antigo, nas lendas de Atlântida. Outras, entretanto, são mais humanistas e se nota que há certa doutrinação em um ou outro sentido, contudo, pelo 22º Landmark “todos os Irmãos são iguais em Loja”, podendo ele concordar ou não com a corrente doutrinária ali pregada e como a Maçonaria defende a tolerância e nunca a imposição dogmática, o meio termo será o ideal: “Nem tanto ao Céu, nem tanto à Terra”.

Que o espírito da Loja seja o centro, a harmonia não permite extremismos.

A maior parte das instruções é para Aprendiz, mas todos devem assisti-las, Companheiros e Mestres crescem quando as acompanham, pois nunca serão administradas com as mesmas palavras (SÁ, Cícero de. “Fonte de Luz Maçônica”, 2007).

Embora devam discorrer sobre Temas Maçônicos atuais são, contudo, imprescindíveis as que fazem parte dos Rituais, nos três Graus, pois é o resumo do simbolismo, esoterismo e história de nossa Ordem, ali está contido o significado de cada objeto, cada desenho, a cor do Rito, as alegorias, a Ritualística, o papel de cada Obreiro em Loja, o significado da Palavra Sagrada, Toque, o Avental, a essência do Conhecimento Maçônico.

Na sequência serão relacionados os temas que estão contidos nos Rituais dos três Graus, mas que na maioria das vezes não é lido, não há o estimulado a que se faça, não é discutido, exigido, nem sequer mencionado em muitas Lojas.

Mas por que ocorre isso? Em parte se constata que: quem não sabe não ensina e se o Mestre, ainda, quando era Aprendiz ou Companheiro, não recebendo esse estímulo, não aprendeu para si, não cresceu e, assim sendo, faltar-lhe-á conteúdo para poder transmitir e o que passar será algo desestimulante, sem consistência e infelizmente se percebe em muitos Mestres, mas devemos reconhecer que sua culpa é muito menor do que sua própria e mais de os Veneráveis Mestres e Vigilantes, os quais não estavam preparados em sua plenitude, assim sendo, não souberam transmitir.

Deve ser apresentado de forma clara, suave, didática, mas preservando a aura mística, pois o contrário seria algo tedioso. A curiosidade, como uma caixa de surpresas que se abre, deve ser sempre estimulada, de forma diferente em cada reunião, para que seja esperada com certa ansiedade até, qual será a próxima história, de preferência até de forma teatral por vezes. A imaginação deve ser fértil, porém, sempre dentro dos preceitos maçônicos, respeitando o sigilo, o Grau e as normas da Arte Real, sem modernismos ou invencionices que caíam em vulgaridade.

Embora esteja no Ritual, deve ser dada ênfase aos seguintes temas, temas devendo discorrer-se sobre eles:

O Grande Arquiteto do Universo.

O Delta, o Olho que Tudo vê, o Pálio.

Telhamento – pelo seu sentido poético e abrangendo a essência da Maçonaria, deve ser de pleno conhecimento do Maçom, no seu Grau.

O que é Maçonaria – estudo a ser dissecado com profundidade.

A Pedra Bruta e a Pedra Cúbica – abrangendo a filosofia do 1º e 2º Grau.

Painel da Loja – seus elementos, sua história, esoterismo, filosofia e importância.

Formato do Templo – dimensões, elementos que o constituem.

Oriente – origem das civilizações, onde se encontra o Trono de Salomão, onde tem assento o V.º M.º.

Três Colunas – Força, Beleza e Sabedoria, BOOZ, JACHIN.

Importância do Trabalho Maçônico – desde a Iniciação, na caminhada até o Oriente.

Abóbada Celeste – Nome, significado esotérico dos astros que a adornam.

O Sol e a Lua no Oriente.

Grandes Luzes (Joias Fixas Esotéricas)

Livro da Lei.

Esquadro.

Compasso.

Joias da Loja

Joias Móveis (Luzes administrativas):

Esquadro – Símbolo e Joia do V.º M.º.

Nível – Símbolo e Joia 1º Vig.º.

Prumo – Símbolo e Joia 2º Vig.º.

Joias Fixas:

Prancheta ou Tábua de Delinear.

Pedra Bruta.

Pedra Cúbica.

Quatro pontos fundamentais da Maçonaria, no Grau 1

Passo Regular (retidão).

Sinal de Ordem ou Gutural (temperança).

Ponto Cordial, Compasso no coração (coragem de amar o próximo).

Cabeça acima da mão (prudência, domínio do Espírito sobre a Matéria).

Arquitetura do Templo

Sala dos Passos Perdidos – onde os Irmãos dos três Graus se reúnem e dividem suas energias.

Colunas B e J – a escuridão e a luz, a força e a beleza.

Ocidente – Átrio e Templo propriamente dito.

Posição dos Obreiros em Loja – segundo seus cargos ou Graus.

Jóias dos Oficiais – caracterizando seu papel em Loja.

Comissões da Loja

Liturgia e Ritualística.

Finanças.

Beneficência e Assistência.

Avental – sentido místico e esotérico para o Maçom*.

Móveis e Utensílios da Loja.

* Sobre o Avental há um belo Trabalho intitulado: “O Avental dos Franco-Maçons” (PIMPÃO, Francisco José. “O Espelho da Alma”. Editora “A TROLHA”, 2009 – cap. v, p. 103).

Símbolos e Alegorias – diferença simbólica e física entre eles.

Ritualística nos Três Graus

Saudação.

Sinal de Ordem de cada Grau.

Palavras de Passe.

Palavras Sagradas.

Toques.

Marcha.

Uso da Palavra.

Entrada no Templo após o início da Sessão.

Saída do Templo antes do encerramento da Sessão.

Mestre de Cerimônias – Saco de Propostas e Informações – seu papel e giro.

Irmão Hospitaleiro – Tronco de Benemerência – seu papel e giro.

Balaústre.

Expediente.

Ordem do Dia.

Período de Instrução.

Cadeia de União – a Palavra Semestral.

Instruções específicas para Companheiros

O Número Cinco.

Tetragrama Hebraico.

Hexagrama.

As Cinco Viagens.

Estrela Flamígera.

Quintessência.

Abeta – o Espírito, Avental – a Matéria.

Instruções para Mestres

Podem ser administradas pelo Respeitabilíssimo M.:, venerabilíssimos VVig.: ou VV.: MM.: com renomado conhecimento do Grau.

Deve ser estimulada a que os Mestres mais novos façam pesquisa e apresentem Peças de Arquitetura.

Instruções para Câmara do Meio

A Morte e a Ressurreição.

A Acácia.

A Trindade Setenária.

O Número Sete, Oito, Dez, Onze e Doze.

A Lenda de Hiram Abi.

O Zodíaco.

O que é Câmara do Meio.

Enéada ou Tríplice Ternário.

Sete – Respeitabilíssimo M.: dirige os trabalhos.

Oito – Orador dá informações.

Nove – Secretário é o Relator.

∴

O estudo abrangente na presente Peça de Arquitetura “Sessões Maçônicas”, teve como enfoque principal a perfeita harmonia de uma Loja Simbólica, aonde Aprendizes, Companheiros e Mestres viessem a ter o seu perfeito espaço, com seu aprendizado em um crescendo, respeitando-se o número de Sessões Econômicas e as demais datas administrativas ou festivas a que uma Loja esteja sujeita em seu calendário anual.

Foi abordada a importância da continuidade do contato entre os Irmãos, após a Loja ser encerrada, além do relacionamento entre as Cunhadas.

Este Trabalho demonstra que a Loja não terá aumento de trabalho para as Luzes e Mestres, mas uma racionalização e praticidade do tempo, sinônimo de organização.

Havendo as datas predeterminadas, permite-se que as instruções sejam previamente estudadas e elaboradas, propiciando o aprimoramento dos Mestres, que resultarão em instruções com elevado grau de aprofundamento no seu conteúdo científico, cultural e esotérico.

Como Aprendizes e Companheiros encontrariam as respostas às suas dúvidas e os Mestres alimentados pela busca do saber, em consequência, haverá mais razão de permanecerem em Loja.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Derly Halfeld. *Peças de Arquitetura*. Londrina: “A TROLHA”, 2008.

AUBRECHT, Karl. *Programando o Futuro: o Trem da Linha Norte*. São Paulo: Nakron, 2002.

CASTELLANI, José. *Consultório Maçônico V*. Londrina: “A TROLHA”, 1997.

COSTA, Wagner Veneziani. *Maçonaria, Escola de Mistérios*. São Paulo: Madras, 2006.

DA CAMINO, Rizzardo. *O Mestrado Maçônico*. São Paulo: Madras, 2007.

FISCHMANN, Adalberto. *Planejamento Estratégico na Prática*. São Paulo: Atlas, 2002.

JÚNIOR, Walter Pacheco. *Guia da Administração Maçônica*. Londrina: “A TROLHA”, 2008.

LOUREIRO, Milgar Camargos. *Quantificação das Evasões Maçônicas de Lojas*. Cadernos de Pesquisas 16. Londrina: “A TROLHA”, 1999.

OLIVEIRA, Djalma P. Rebouças. *Planejamento Estratégico*. 23.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA FILHO, Denizart Silveira de. *Palestras Maçônicas para Estudos*. Londrina: “A TROLHA”, 2010.

PINTO, M. J. Outeiro. *Entre a Compósita e a Toscana*. Londrina: “A TROLHA”, 2008.

PIRES, Joaquim da Silva. *O Primeiro Degrau do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Londrina: “A TROLHA”, 2009.

RITUAIS, *Aprendiz, Companheiro e Mestre – R.: E.: A.: A.:*, GORGS, 2010.

Sessões de Instruções

*Irm.: Milgar Camargos Loureiro
Or.: Viçosa –MG*

As Instruções Maçônicas no Grande Oriente do Brasil – Minas Gerais (GOB-MG) podem ser, também, analisadas sob o enfoque de três vertentes: de planejamento administrativo da Loja, das Sessões Ordinárias Ritualísticas e de alternativas estratégicas para Sessão de Instrução.

O planejamento administrativo maçônico foi, em livros, abordado por Neves (1987), Pacheco Junior (1991), Santiago (1993), Jakobi (2000), Ferreira Sobrinho (2002), GOB-MG (2005, 2007 e 2009) e Alcântara (2010).

Também são deveres da Loja “dedicar todo empenho à instrução e ao aperfeiçoamento moral e intelectual dos membros de seu Quadro, realizando Sessões de Instrução sobre História, Legislação, Simbologia e Filosofia Maçônicas, sem prejuízo de outros temas” (Constituição do Grande Oriente do Brasil, Art. 24 item III).

As Sessões em Lojas federadas ao Grande Oriente do Brasil – GOB – estão explicitadas no art. 108 do Regimento Geral da Federação – RGF – de 2008. Das Sessões Ordinárias, as de Administração, de Instrução e as Regulares são

mencionadas sem detalhamento de suas respectivas ordens de trabalho.

Compete aos Vigilantes instruírem os Maçons de suas respectivas Colunas “de acordo com o Ritual” (Art. 120, item II e Art.121, item II do RGF). Mas, nos Rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito do 1º Grau, do 2º Grau e do 3º Grau “O Tempo de EEst.: constará de exposição e debate ... e será feita pelo Ven.: Mestre, ou pelo Orad.: ou ainda por um Irm.: previamente designado”... “Salvo no caso de palestra ou conferência previamente programada o Tempo de Estudos não deverá exceder a quinze minutos”.

Também, tanto o Aprendiz quanto o Companheiro somente serão colados, nos respectivos Graus superiores, se tiverem frequentado, no mínimo, 80% das Sessões Ordinárias de sua Loja (Art. 35 § 6º e Art. 36 § 5 do RGF).

Articulistas maçônicos têm-se manifestado a respeito do Tempo de Estudos. Dentre os mais recentes consta Oliveira (2006), que mencionou:

Conveniente seria a supressão na sequência da Sessão Simbólica do trabalho de assuntos administrativos, para a franca permissibilidade do alargamento e do aprofundamento do ensino e do aprendizado maçônicos... e bem poderia isso ser efetivado por especial e modificadora projeção legislativa.

Na A.: R.: B.: L.: S.: “Acácia Viçosense”, Loureiro (2007) citou os tempos médios das Sessões do 1º Grau, do Rito Escocês Antigo e Aceito, terem cerca de 2 horas, o Tempo de Estudos 20 minutos (17%) e os assuntos administrativos/ritualísticos 1h40min (83%). Estas médias resultaram de tempos aferidos por quatro Maçons da Loja durante 10 Sessões.

Coelho (2008) referiu que:

As Sessões Ordinárias duram em torno de duas horas, e os períodos de estudo ou de instrução, quando utilizados, duram de cinco a quinze minutos. Como capacitar em tempo tão exíguo? Se um Irmão apresenta um Trabalho mais elaborado, a insatisfação é notória, sob a alegação que vai atrapalhar o andamento da Sessão, “vai atrapalhar o Ágape”.

Savi (2010) considerou que:

Não devemos ficar todo o tempo disponível em nossas Oficinas a preparar o homem Maçom como um estudante o qual nunca conclui o seu curso porque ainda não aprendeu tudo. Um dia ele tem que sair a campo para repassar ou aplicar o que aprendeu.

Cursos sobre Maçonaria estão sendo realizados em Lojas, nas Obediências e nas Universidades. Nestas, teses sobre maçonologia são defendidas em Curso de Pós-Graduação, na Universidade de Campinas, nas federais de Minas Gerais, de Juiz de Fora, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Para Schüler (2007):

Toda Loja Maçônica, além do que prevê o Ritual,... deve organizar um currículo, dispor de uma política pedagógica, fazendo valer a função de escola do conhecimento.

Patrocinado pelo GOB, o *Curso Integrado de Maçonaria Simbólico*, ministrado por diferentes instrutores, foi realizado em diferentes estados. O XVIII ocorreu em Belo Horizonte, sob o auspício da Grande Loja de Minas Gerais. Nestes cursos, ênfases eram dadas aos assuntos administrativos e ritualísticos.

O GOB-MG promoveu, em suas Coordenadorias Regionais, “*Seminário Geral de Mestre Maçom*”, cuja carga horária era variável entre as Coordenadorias. A partir de 2001, passaram a denominar-se “*Seminário de Dirigentes Maçons*” e a se realizarem bianualmente, em Belo Horizonte, com duração de dois dias.

Disciplinas universitárias maçanológicas foram ministradas no Brasil. A primeira delas consta do GUIA ACADÊMICO 1983, parte V – Estudos Interdisciplinares, da Universidade de Caxias do Sul. O Dr. Mário Gardelin, Vice-Reitor desta instituição, lecionou no primeiro semestre daquele ano “*A Maçonaria na História do Brasil*”. Também, na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUC-RS – Porto Alegre) estavam sendo ministradas disciplinas maçanológicas (Benimelli e Alberto, 1991).

Em São Paulo – SP, Torloni (1987) propõe a criação de um Conselho Pedagógico dos Mestres Maçons para que, uma vez por semana, Mestres deste Conselho ministrem aulas de um programa previamente elaborado para Aprendizes e Companheiros. Não temos conhecimento do desdobramento desta proposta.

Gonçalves (1994) ministrou no curso de graduação *Introdução à História da Maçonaria* para os alunos do Departamento de História da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 1992. Em face do sucesso obtido o curso foi repetido no primeiro semestre de 1992, com 86 alunos inscritos.

Costa (1994) lecionou *Introdução à História da Maçonaria* no Curso de Extensão na Universidade Estadual do

Rio de Janeiro (UERJ) para cerca de 80 alunos nos meses de agosto a outubro de 1992.

O objetivo deste Trabalho é demonstrar que alternativas estratégicas para a Sessão de Instrução foram sugeridas e executadas por Lojas, e que elas têm caráter específico e temporal para cada Oficina.

As instruções dadas pelos Vigilantes não atingem todos os Aprendizes e Companheiros.

A autodidaxia confere aos Maçons conhecimentos dissímeis para o Exame de Doutrina do Grau.

O APRENDIZADO MAÇÔNICO

A Maçonaria é, também, considerada uma escola do conhecimento, e para atingirem tal desiderato as Lojas deverão ter uma contínua política androgógica e de um currículo pautado no aperfeiçoamento moral e intelectual dos Maçons. Assim, um contingente de formadores de opinião seria forjado para se ombrearem com historiadores e sociólogos de universidades, nos estudos maçonológicos, e serem paradigmas de comportamento de ações na sociedade.

Dados coligidos de amostragem de Lojas do GOB-MG demonstraram que “58% dos Maçons nunca tiveram, através dos Vigilantes, orientação para leitura de livros maçônicos” (LOUREIRO, 1977).

Na A.: B.: L.: S.: “Acácia Viçosense”, em 1995, 36% e em 2005 12,5% dos Aprendizes não tiveram esta orientação quer de Dignidades ou de Oficiais da Loja (LOUREIRO e CHAVES, 2006).

Considerando o ano administrativo maçônico com 48 semanas e um mínimo de duas Sessões do Grau 1, haveria 96 Sessões anuais deste Grau. Nestas condições, o Aprendiz teria de frequentar, no mínimo, 77 (80%) das Sessões Ordinárias de sua Loja e perfazer 25h40min para colar o Grau de Companheiro.

Instrutores diferentes, dentro e entre Lojas, do Tempo de Estudos ministram qualitativa e quantitativamente informações desiguais aos Maçons. Assim, superestima-se a capacidade de instrutores de ministrar e dos Aprendizes de aprenderem a doutrina do Grau.

Para o Maçom autodidata a interiorização do conhecimento maçônico dependerá, dentre outras variáveis: da qualidade e quantidade de informações, da capacidade individual de assimilação e do nível de escolaridade. Assim, estes Irmãos, com conhecimentos dissímeis, postulam o Exame da Doutrina do Grau e as Lojas não têm condições de diagnosticar a dissimilaridade aceitável de conhecimentos dos Maçons para aquele exame.

Variável pragmática aceitável seria a análise da pauta administrativa antes ou após as Sessões normais da Loja, ou em dia diverso designado, ou, ainda, em dia de Sessão de uma fixada semana (OLIVEIRA, 2006).

Na A.: R.: L.: S.: “Fiel Amizade nº 72”, GOSC, Rito Schröder:

...b) o Regimento Interno determina que além das Lojas Fúnebres e de Mesa, as Sessões mensais sejam assim distribuídas: I – Loja Aberta de Trabalho: a 1ª de cada mês, com todo o rigor ritualístico (Iniciações, promoções

e Elevações, escrutínio e instruções), II – as duas ou três Sessões seguintes são de Loja de Instrução, com disciplina maçônica, mas sem outros procedimentos ritualísticos, quando é dada Instrução Maçônica e são feitos estudos de textos de uma coletânea entregue aos Irmãos do Quadro no início do semestre... (GOMES, 2006).

Os “Seminários de Dirigente Maçom” demonstram que o GOB-MG considera necessário ampliar os conhecimentos maçônicos e administrativos dos Maçons para que eles possam exercer cargos em Loja. Mas tais eventos ocorrem a cada dois anos e em dois dias.

Os dirigentes da A.: R.: B.: L.: S.: “Acácia Viçosense” alicerçam-se nos *Seminários de Dirigentes Maçons* do GOB-MG para exercerem suas atividades administrativas e relevam para segundo plano as demais fontes de informações. Diferentes modalidades de Instruções Maçônicas foram ministradas para membros de seu Quadro, com o objetivo de ensinar e internalizar neles a doutrina maçônica pertinente aos respectivos Graus. As administrações da Loja admitem que, com 80% de presença nestas Instruções, os Maçons tenham assimilado o mínimo desejável de conhecimentos para se qualificarem a um dos requisitos de postulantes a Exame de Doutrina do Grau.

Em 1993, o *Curso de Instrução Maçônica* para os Aprendizizes. Do plano de trabalho constavam:

Reunião: semanal, sem procedimentos ritualísticos, em dia diferente de Sessão Ordinária;

Apresentação: tipo seminário, com duração média de 1 hora;

Horas por disciplina: 4 a 8;

Currículo: Administração Maçônica; Direito e

Legislação Maçônicos; Filosofia (Ontologia, Gnosiologia e Axiologia); História Geral da Maçonaria; História da Maçonaria no Brasil; Liturgia Maçônica e Simbologia Maçônica.

Palestrantes: 1 ou mais Mestre Maçom, para específica disciplina;

Duração do Curso: dois semestres.

Semana	Grau	Tempo de Estudo	Sessão de Instrução
1 ^a	1	Assuntos e palestrante	
2 ^a	2	previamente designados	Grau 1
3 ^a	3	no calendário da Loja	Grau 1 e/ou 2
4 ^a	1		Grau 2

Em 1995, optou-se por: Assuntos e palestrantes, previamente designados no calendário da Loja, faziam suas Instruções no Tempo de Estudos. O Aprendiz ou o Companheiro faziam suas preleções seguidas de aditamento por um Mestre.

Na Loja Universitária “Acácia Viçosense”, desde 2009, é ministrado o Curso Complementar de Maçonaria por diferentes Maçons, sem procedimentos ritualísticos, com uma hora de instrução, onde se debate a matéria exposta por cada um do partícipes. São disciplinas: Administração Maçônica, Direito e Legislação Maçônica, Filosofia Maçônica, História da Maçonaria, História da Maçonaria no Brasil, Ritualística e Simbologia Maçônicas. Nas respectivas Ementas constam o dia, o horário, o assunto e a bibliografia de cada preleção.

∴

Os cursos ministrados pelo GOB e pelo GOB-MG visavam a ampliação e o aprofundamento de conhecimentos de Maçons, mormente para os ocupantes de Cargos em Loja.

Os cursos e teses maçanológicos em universidades demonstram a importância do estudo de Maçonaria, extra-muros das Lojas.

As Lojas, como Escolas do Conhecimento, devem ter cursos embasados no aperfeiçoamento moral e intelectual dos Obreiros, estes se constituiriam em um contingente de formadores de opiniões. Assim, ombreariam com historiadores e sociólogos de universidades, nos estudos maçanológicos, e serão paradigmas de comportamento e de ações na sociedade.

Além do previsto nos Rituais e no Regulamento Geral da Federação, é recomendado às Lojas como uma das alternativas estratégicas para a Sessão de Instrução:

- Uma contínua política androgógica que ultrapasse períodos administrativos;
- Sessões de Instruções sem procedimentos ritualísticos, sob forma de *seminário*; assim, a compreensão de informações independeria do nível de escolaridade dos partícipes.
- Currículo contendo, no mínimo, os assuntos: Administração Maçônica, Direito e Legislação Maçônica, Filosofia, História Geral da Maçonaria, História da Maçonaria no Brasil, Ritualística Maçônica e Simbologia Maçônica.
- Assuntos e palestrantes sejam previamente designados no calendário administrativo da Loja;
- Instruções tenham, no mínimo, uma hora de duração;
- Instrutores sejam um ou mais por assunto; assim a qualidade e a quantidade de informações ministradas serão iguais para todos os partícipes;

- Instrutores, Maçons ou não, abordariam assuntos de interesse da comunidade, do Estado ou do País.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALCÂNTARA FILHO, Newton de. *Augusta e Respeitável Loja Simbólica Maçônica*. Rio de Janeiro: Newton de Alcântara Filho, 2010. 67 p.

COELHO, Gilmar Hiron. O despertar maçônico. *O Prumo*, Florianópolis, n. 181, p. 16. 2008.

COSTA, Frederico Guilherme. *Maçonaria na Universidade*. Londrina: “A TROLHA”, 1994, 160 p.

GASPAR, Oswaldo Pereira. *Manual do Venerável Mestre*. São Paulo: Gazeta Maçônica, 2006. 90 p.

GOMES, Valter Manoel. Quando assuntos administrativos perturbam o funcionamento da Loja. *O Prumo*, Florianópolis, v. 36, n. 168, p. 25, 2006.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Constituição do Grande Oriente do Brasil*. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 2009. 104 p.

_____. *Regimento Geral da Federação*. Grande Oriente do Brasil, 2008. 34 p.

_____. *Ritual. Rito Escocês Antigo e Aceito. 1º Grau – Aprendiz*. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 1998. 148 p.

_____. *Ritual. Rito Escocês Antigo e Aceito. 2º Grau – Companheiro*. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 2003. 91 p.

_____. *Ritual. Rito Escocês Antigo e Aceito. 3º Grau – Mestre*. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 2002. 191 p.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL-MG. *III Seminário de Dirigentes Maçons. Venerável Mestre*. Belo Horizonte: Grande Oriente do Brasil-MG, 2005. 96 p.

JAKOBI, Heinz Roland. *Como Gerenciar uma Loja Maçônica*. Londrina: “A TROLHA”, 2000. 245 p.

LOUREIRO, Milgar Camargos. *Dos Livros Maçônicos e dos Obreiros de Lojas Jurisdicionadas ao Grande Oriente do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Poderosa Assembleia Estadual Legislativa, 1977. 17 p.

_____. *Sessões Ordinárias em Lojas Federadas ao Grande Oriente do Brasil*. In: ENCONTRO DE MEMBROS CORRESPONDENTES DA LOJA “FRATERNIDADE BRAZILEIRA” DE ESTUDOS E PESQUISAS 14, São Paulo, 2007.

LOUREIRO, Milgar Camargos; CHAVES, Rodolfo. *Dos Maçons e seus Livros na “Acácia Viçosense”*. In: ENCONTRO DE MEMBROS CORRESPONDENTES DA LOJA “FRATERNIDADE BRAZILEIRA” DE ESTUDOS E PESQUISAS 13. Curitiba, 2006.

NEVES, Francisco das Chagas Carvalho. *Manual de Planejamento do Trabalho Maçônico*. 2.ed. Londrina: “A TROLHA”, 1989. 212 p.

PACHECO JUNIOR, Walter. *Guia da Administração Maçônica*. Londrina: “A TROLHA”, 1991, 206 p.

SANTIAGO, Marcos Henrique de Almeida. *A Formação do Maçom na Loja Simbólica*. 2.ed. Londrina: “A TROLHA”, 1993. 160 p.

SAVI, Hamilton. *Maçonaria como escola de formação*. **O Prumo**, Florianópolis, n. 191, p. 24, 2010.

SCHÜLER, Ilson Carlos. *O projeto político pedagógico na Maçonaria*. 2ª parte. **O Prumo**, Florianópolis, n. 174, p. 26, 2007.

Estratégia para os Trabalhos Maçônicos

*Irm.: Paulo Iosbitaka Tomimatsu
Or.: Londrina – PR*

O tema a ser desenvolvido conforme a sugestão da organização deste Simpósio é de PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA REUNIÕES MAÇÔNICAS. Uma reunião maçônica pode ter vários formatos, desde o trabalho de uma Sessão Econômica em Loja, até o de um congresso maçônico amplo com participação de Maçons ou até mesmo de não Maçons. Naturalmente deve existir uma estratégia a ser desenvolvida, de acordo com a reunião na qual os Maçons irão participar, para que um determinado objetivo seja alcançado. Para que uma reunião maçônica ou mesmo a Maçonaria como um todo atinja o sucesso desejado, é importante a consciência de cada um dos membros participantes acerca do objetivo proposto.

Trataremos neste Trabalho, de alguns aspectos de uma Sessão Econômica numa Loja Maçônica para que se tente atingir uma unidade ou unanimidade de pensamentos, e, à parte, trataremos de especular sobre a Maçonaria como um todo, no sentido universal quanto ao objetivo da sua existência.

O trabalho maçônico em Sessão de Loja é um trabalho de equipe, principalmente no que diz respeito à condução da Ritualística, e, ao mesmo tempo, é um trabalho individual, para aperfeiçoamento do homem, com o objetivo de contribuir para com o aprimoramento da sociedade onde está inserido. O trabalho exige reservar um tempo maçônico, através de elaboração do calendário próprio e dividir com atividades do tempo profano.

Quando se trata dos trabalhos realizados em Loja, queremos enfatizar a dualidade de ações. Uma que trata de fundamentos ritualísticos, litúrgicos e simbólicos, e outra das metas do programa de trabalho, envolvendo os seus aspectos administrativos. Devemos enfatizar a condução litúrgica correta durante a Sessão Maçônica. A continuidade de uma Loja depende fundamentalmente de manter as tradições ritualísticas maçônicas.

E dentro da visão litúrgica, da educação maçônica dos Símbolos e das alegorias, cabe aos Mestres o dever de transmitirem aos Aprendizes e Companheiros, os ensinamentos esotéricos, simbólicos e culturais da orientação maçônica. Neste contexto é necessário colocar como objetivo o revigoração daquilo que não está em perfeito funcionamento.

Fazem-se necessários alguns questionamentos no nosso cotidiano como Maçom:

- 1) Se como Iniciados, cumprimos a nossa obrigação no mundo profano;
- 2) Se no trabalho que desenvolvemos fora da Loja, cumprimos o ideário maçônico, principalmente numa atividade pública;

3) Se os ensinamentos transmitidos em nossa Iniciação foram aplicados em nosso trabalho do dia a dia.

Na nossa labuta diária, por vezes somos acometidos com os pensamentos nostálgicos, de que no passado fomos melhores, e que outrora tínhamos mais energia para enfrentamento das dificuldades. E quando comparecemos a uma Sessão Maçônica, por vezes somos tomados pelos questionamentos, ora próprios, ora de outros Irmãos, quanto ao real significado de estarmos em Loja. Não é fato generalizado, mas vale dizer que muitas Lojas não ficaram imunes ao fato de estarmos sonhando com um passado da Maçonaria que foi brilhante e significativo.

Hoje convivemos numa sociedade extremamente competitiva e sentimos também na Maçonaria os seus problemas e as suas angústias. O tempo em Loja poderia ser usado na discussão e exposição desses problemas. A Maçonaria deve ser educativa, porém progressista e evolutiva e, como tal, deve difundir toda a complexa gama dos nossos ensinamentos e não só a moral dos nossos Rituais. A acomodação em que vivem muitas Lojas poderá levá-las ao contraste entre o que ela prega e o que ela faz e com isso estará cada vez mais se distanciando da realidade. Quando muito, não passará de uma associação festiva, favorecendo bons momentos de confraternização aos seus membros. Continuará à margem das soluções dos problemas aflitivos sociais. Seguirá, a exemplo do que se tem visto, discutindo questões não muito significativas ou disputando, com egoísmo, cargos e posições em Loja. Uma Loja Maçônica deve ser uma escola viva, que tenha a ousadia e a coragem de ensinar seus Obreiros sobre a defesa da cidadania e a dignidade do ser humano.

O propósito deve ser o de criar mecanismos em Loja voltados não só aos ensinamentos ritualísticos e litúrgicos, mas também formar Obreiros com conhecimento em Administração e Legislação Maçônica. Congregar, em seu Quadro, Obreiros das mais diversas profissões para atuar em auxílio aos carentes, assessoria jurídica e atividades em outras áreas a serem estudadas, como comprometimento para melhorar a sociedade em que vivemos.

Mas, como poderá ser alcançado esse propósito, dentro de uma sociedade, onde coabitam membros de diversas correntes de pensamentos, credos, profissões e classes sociais. Antes de tudo é preciso fazer com que os membros participantes acreditem num objetivo comum e que se esforcem para atingi-lo. Para esse fim, existe um enunciado em que se baseia a convergência de fluidos existentes durante o trabalho maçônico, que ora denominaremos de EGRÉGORA.

Egrégora ou egregoro (do grego *egrêgorein* que significa – Velar, vigiar), é como se denomina a *entidade* criada a partir do coletivo pertencente a uma determinada assembleia. Segundo as doutrinas que aceitam a existência desta entidade supraenergética, estes estão presentes em todas as coletividades, seja nas mais simples associações, ou mesmo nas assembleias religiosas, gerado pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com determinada finalidade. Assim, todos os grupamentos humanos possuem seus egrégoros característicos, onde as energias dos indivíduos se unem formando uma entidade autônoma e poderosa (o egrégoro), capaz de realizar no mundo visível as suas aspirações transmitidas ao mundo invisível pela coletividade geradora. Quando a energia é deliberadamente

gerada, ela forma um padrão, ou seja, tem a tendência de se manter como está e de influenciar o meio ao seu redor. Assim, quando várias pessoas têm um mesmo objetivo comum, sua energia se agrupa e se “arranja” num egrégora. Esse é um conceito místico-filosófico com vínculos muito próximos à teoria das formas-pensamento, onde todo pensamento e energia gerada têm existência, podendo circular livremente pelo cosmo. Muitas mentes voltadas para um único objetivo geram esta entidade invisível, porém poderosa, como vemos frequentemente, por exemplo, numa missa, ou um encontro de algumas pessoas voltadas para promover um mesmo fim (a cura de alguém, o fim de um problema e a superação de uma perda) tem um grande poder de formação de egrégoras.

No caso das Sessões Maçônicas podemos acreditar que as Egrégoras são benéficas, em que a união de Irmãos em pensamentos positivos e de amor fraternal, não motivadas e alimentadas por crenças pessoais, mas pelo desejo de ajudar desinteressada e incondicionalmente as pessoas necessitadas de auxílio e amparo, e de ver o Mundo em Paz e Harmonia.

Partindo dessa premissa, uma vez conseguida a dita Egrégora, pode-se dar início aos trabalhos em Loja, onde deve existir uma sequência de Ritualística bem executada, que são variáveis conforme os Ritos. E, para que haja continuidade deste fluido unificador, há necessidade de planejamento prévio, principalmente por parte dos dirigentes, quais sejam, os membros da diretoria, a começar pelo V.: M.: até o Cobr.: Ext.:. A liturgia e Ritualística de uma Loja Maçônica dependem do bom desempenho dos Mestres de Cerimônias, Diáconos, Expertos e Mestres de Harmonia. Estes oficiais

devem conhecer o Ritual, normas ritualísticas e protocolos maçônicos.

Cabe ao V.: M.: a capacidade de controle e fiscalização das atividades de uma Loja, fazendo com que os OObr.: tenham entusiasmo para o desenvolvimento do trabalho. E a melhor maneira para atingir esse objetivo é, segundo João XXIII, procurar ver tudo, fazer crer que não vê muita coisa e procurar reformar só um pouco. E essa prática deverá ser executada também pelos oficiais e dignitários da Loja.

Os oficiais encarregados de liturgia e Ritualística devem verificar o traje dos Obreiros, desenvoltura das procissões, acendimento das luzes e incensações se houver, Livro da Constituição na mesa do Orador, caneta e papéis na mesa do Secretário, Luzes e Velas nos seus devidos lugares e prontos para serem utilizados, Estandarte e Pavilhão Nacional nos seus devidos lugares, execução de harmonia de forma adequada e execução das tarefas com fluidez e acertos.

No início dos trabalhos cabe ao M.: de CCer.: formar o cortejo ainda no átrio, dois a dois, com os AApr.: do lado Sul, CComp.: do lado Norte, seguidos de MM.:, OOf.:, Mestres Instalados, Vigilantes (ocupando o lado onde irão tomar lugar dentro do Templo). Depois de formado o cortejo, o Mestre de Cerimônias pode ou não fazer uma leitura para meditação e, a seguir, determina que o Cobridor Interno e Mestre de Harmonia ocupem os seus lugares. Colocando-se à frente do préstito, dá firme pancada (o som da pancada faz com que a vibração se unifique), e todos rompem a marcha com o pé esquerdo nos procedimentos para o Rito Escocês Antigo e Aceito, e Adonhiramita, no Rito Brasileiro, os AApr.: e CComp.: se postam de forma inversa à do R.: E.:

A.: A.:, e o passo é rompido com o pé direito. Nos Ritos Ingleses (Trabalho de Emulação) e Schröder, quem faz o papel de Mestre de Cerimônias é o Diácono.

Uma vez dentro do Templo e antes do anúncio – “os lugares estão preenchidos” –, alguns Ritos utilizam o acendimento de velas, no R.: E.: A.: A.: original não há acendimento de velas neste período, porém no Brasil adotou-se o acendimento de vela no Altar de Juramentos, iniciando pela do vértice do lado do Oriente, depois a do Norte e por fim a do lado Sul.

No Rito Adonhiramita existe o ato de incensação, quando o Mestre de Cerimônias leva o turíbulo ao Altar do V.: M.:, e este defuma o Altar dizendo – “Sabedoria” –, em seguida leva até o Altar do 1º Vig.:, dizendo – “Força” –, depois vai até o Altar do 2º Vig.:, dizendo – “Beleza” –, depois retorna ao Oriente, defumando os Altares do Orador e Secretário, depois desce para o Ocidente, pela linha mediana, defumando as Colunas e vai Entre Colunas, e postando-se de frente ao Oriente, diz: “Que a Paz habite as colunas”. Depois o turíbulo é entregue ao Guarda do Templo, que defuma o Templo por fora, e retorna-o até o Altar dos Perfumes. Feito este procedimento, o V.: M.: procede ao acendimento de luzes ao Altar juntamente com os Vigilantes, com os dizeres respectivos inerentes ao Rito.

No Rito Moderno não há procedimentos de acendimentos de luzes ou de incensação.

No Rito Brasileiro, o acendimento das Luzes do Altar dos Juramentos é realizado pelo V.: M.: e os Vigilantes, com os respectivos dizeres particulares do Rito, sendo que a vela correspondente ao V.: M.: é de cor azul, a do 1º Vigilante

é de cor vermelha e a do 2º Vigilante é de cor branca. O V.: M.:, ao acender a vela azul, diz: “Que a Luz da sabedoria ilumine os nossos trabalhos, a Luz da sabedoria é onipotente e infinita”; o 1º Vig.: ao acender a luz vermelha diz: “Que a Luz da força dê vigor a nossa obra, a Luz da força é onipotente e infinita”, e o 2º Vig.: ao acender a luz branca diz: “Que a Luz da Beleza manifeste entre nós, a Luz da Beleza é onipresente e infinita”.

No Rito Schröder, o acendimento das velas é realizado após o desenrolar do Tapete, e o V.: M.: transfere uma vela a partir da vela existente no seu Trono e entrega ao 1º Diácono, que acende as velas dos tronos dos Vigilantes. Posteriormente retorna a vela ao V.: M.: que está postado junto à Coluna Jônica e este acende a vela da Coluna dizendo: “Sabedoria, dirija esta obra”, o 1º Vigilante acende a vela da Coluna Dórica com a sua vela dizendo: “Força, executa-a”, e o 2º Vigilante acende a vela da Coluna Coríntia, dizendo: “Beleza, adorna-a”. No Trabalho de Emulação não existe Cerimônia de acendimento de Luzes, que fica como opção ter em frente e à direita dos pedestais do V.: M.: e VVig.:, que podem estar acesas antes do início dos trabalhos, ou serem acesas durante a abertura dos trabalhos, porém não tem significado místico ou esotérico.

A Cerimônia da abertura do Livro da Lei difere entre os Ritos. Os versículos a serem lidos na abertura do L.: L.: também diferem entre os Ritos e também nos diferentes países. No *Commentary on the Freemasonic Ritual*, Cartwright cita que, nos procedimentos das antigas Lojas de York, no Grau 1, era lido o Salmo 133, no Grau 2, o Amós, 7:7, e no Grau 3, Eclesiastes 12:7. Nos trabalhos de Bristol são,

respectivamente, Rute 2:19, Juízes, 12:5-6 e Gênesis 4:22. Nas Lojas alemãs são lidos, respectivamente, os versículos de João 1:1, Mateus 22:39 e Crônicas II, 5.

No R.: E.: A.: A.:, após a transmissão da Pal.: Sagr.:, os Diáconos se colocam junto ao Altar dos Juramentos, sendo o 1º Diácono do lado Norte, o 2º Diácono do lado Sul, e voltados para o Oriente. O M.: de CCer.: vai ao Oriente para acompanhar o Past Master para que este vá até ao Altar dos Juramentos para abertura do L.: L.:, e este saúda o V.: M.:, toma o L.: L.: com as duas mãos e inicia a oração ou Salmo correspondente ao Grau. Neste instante já estará formado o Pálio, com os Diáconos cruzando os Bastões, postados de frente ao Oriente, e o M.: de CCer.: postado atrás do Past Master interpõe o seu Bastão por baixo dos Bastões dos Diáconos.

No Rito Adonhiramita não há transmissão da Pal.: Sagr.:, e quem faz a abertura do L.: L.: é o Orador, e o Pálio é formado pelos MM.: de CCer.:, juntamente com um dos Iirm.: das CCol.: Norte e Sul usando as Espadas.

No Rito Brasileiro transmite-se a Pal.: Sagr.:, e a abertura do L.: L.: é realizada pelo Orador.

No Rito Moderno não há transmissão da Pal.: Sagr.:, nem abertura do L.: L.:.

No Trabalho de Emulação, não há transmissão da Pal.: Sagr.:, e nem a leitura do versículo na abertura do L.: L.:, e a abertura do Livro é feita pelo Capelão que coloca o Esquadro e o Compasso sobre o L.: L.: conforme o Grau em que vai trabalhar.

No Rito Schröder não há transmissão da Pal.: Sagr.:, nem a abertura do L.: L.:. Este permanece fechado durante a

Sessão, e o V.: M.: posiciona o Esq.: e o Comp.: de acordo com o Grau correspondente sobre o L.: L.: fechado após a Cerimônia de acendimento de Luzes.

O Giro das Bolsas, tanto de Propostas e Informações como de Solidariedade tem as características inerentes a cada Rito.

No R.: E.: A.: A.:, o giro da Bolsa de Propostas e Informações se realiza a partir do momento do anúncio por parte do V.: M.: e dos Vigilantes nas respectivas Colunas. Após o V.: M.: dizer: “Irm.: M.: de CCer.:, cumpri o vosso dever” –, este sai de Entre Colunas, vai diretamente ao Or.:, e oferece ao V.: M.:, retorna ao Oc.: pelo lado Sul, recolhe do 1º Vig.:, depois do 2º Vig.:, sempre obedecendo o giro no sentido horário, depois retorna ao Or.:, recolhe dos Irm.: do lado Norte e depois do lado Sul. Depois retorna ao Ocidente, recolhe de todos os MM.: da Coluna do Sul, e depois dos MM.: da Coluna do Norte, depois dos CComp.: e finalmente dos AApr.:, posteriormente se dirige até o G.: T.:, oferece a Bolsa a ele, que recolhe do M.: de CCer.: e este a devolve ao M.: de CCer.:. Após o término da coleta, o M.: de CCer.: se coloca Entre Colunas, com a bolsa na altura do quadril esquerdo, segurando com ambas as mãos, mantendo-a aberta com os dedos indicadores e médios introduzidos na Bolsa. Após o anúncio dos Vigilantes, e determinação do V.: M.:, a Bolsa é levada até o Trono do V.: M.:, colocando-se à esquerda do trono. O giro do Tronco de Sol.: é realizado pelo Hosp.:, diferindo somente no final, quando a Bolsa é levada ao Tesoureiro.

No Rito Adonhiramita, após o anúncio pelo V.: M.: e Vigilantes, o M.: de CCer.: coloca a Bolsa sobre o coração,

coloca-se Entre Colunas e aguarda as ordens. O giro se faz de modo semelhante ao do R.: E.: A.: A.:.

No Rito Brasileiro o anúncio é feito diretamente à Loja pelo V.: M.:, não havendo o anúncio pelos Vigilantes, e os dois troncos, o de Beneficência e de Solidariedade circulam simultaneamente, sendo o de Propostas e Informações portado pelo M.: de CCer.:, e o de Solidariedade portado pelo Chanc.: e Hosp.: (esses dois cargos são ocupados pelo Irm.: Chanc.:).

Nos Ritos Schröder e Trabalho de Emulação não existe a figura da Bolsa de Propostas e Informações e o Tronco de Sol.: é portado pelo 2º Diácono, sendo o conteúdo lacrado e anunciado na próxima Sessão.

A transmissão da Pal.: Sagr.: no R.: E.: A.: A.: é feita pelos Diáconos, sendo que o 1º Diácono aborda o V.: M.: pelo lado esquerdo, sobe os degraus, e recebe no ouvido esquerdo, após a segurar o bastão com a mão esquerda e feita a saudação. Depois vai até o Oc.:, junto ao 1º Vig.: e transmite a Pal.: Sagr.:, com a mesma formalidade, pelo ouvido esquerdo o 2º Diac.: recebe a Pal.: do 1º Vig.: e transmite ao 2º Vig.: obedecendo às mesmas formalidades.

No Rito Brasileiro, a transmissão se faz com as mesmas formalidades, porém recebe no ouvido direito.

Aplausos e Baterias são realizados sempre com os braços colados ao corpo, antebraços voltados para frente, com a palma da mão esquerda voltada para cima e palma da mão direita voltada para baixo. A bateria de luto é realizada com a palma da mão direita sobre o antebraço esquerdo, sobre o paletó ou Balandrau. No Rito Adonhiramita, ao

pronunciarem as aclamações, são feitos estalos, primeiro no ombro esquerdo, depois no ombro direito e por fim na testa.

As aclamações diferem conforme os Ritos, sendo H.: H.: H.: no R.: E.: A.: A.:, V.: V.: V.: no Rito Adonhiramita, L.: F.: e Ig.: no Rito Moderno, G.: G.: G.: no Rito Brasileiro. Nos Ritos Schröder e Trabalho de Emulação não existe aclamação.

O fechamento do L.: L.: já no término da Sessão também difere entre os Ritos. No R.: E.: A.: A.:, após a transmissão da Pal.: Sagr.:, os Diáconos se postam como foi na abertura do L.: L.:. Após a abóbada armada, o 1º Vig.: fecha os trabalhos, e o Past Master fecha o L.: L.: e, após saudação, todos retornam aos seus lugares.

No Rito Adonhiramita, lembrar que é o Orador que fecha o L.: L.:, e o Pálio formado como no início dos trabalhos.

No Rito Brasileiro, a Pal.: retorna a partir do 2º Vig.:, através do 2º Diac.: que leva até o 1º Vig.: e o 1º Diac.: desce do Or.: para retornar a Pal.: a partir do 1º Vig.: até o V.: M.:, os DDiac.: se posicionam junto ao Altar dos Juramentos, e o Orador vai até o Altar para fechar o L.: L.:, já sob a abóbada formada pelos DDiac.: e M.: de CCer.:. Depois de fechado o L.: L.:, no retorno de cada um aos seus lugares, o 1º Diac.: recolhe o Painel do Grau, e retorna ao Or.:.

No Trabalho de Emulação, não há transmissão de Pal.: Sagr.:, e o Capelão realiza o fechamento do L.: L.:, desfazendo a posição do Esq.: e Comp.:, e o 2º Diac.: encarrega-se de Tábua de Delinear.

No Rito Schröder não há fechamento do L.: L.:, visto que ele nem é aberto. Há apenas o enrolamento de Tapete.

A Cerimônia de apagamento de velas é praticado de forma litúrgica, nos Ritos Adonhiramita, Schröder e Brasileiro.

No R.: E.: A.: A.: no Brasil, apaga-se as luzes do Altar dos Juramentos, na ordem inversa do início dos trabalhos.

No Rito Moderno e Trabalho de Emulação não existe essa prática.

Ainda existem alguns detalhes da Ritualística, muitas vezes esquecidos, que vamos abordar. Os Sinais de Ordem (gutural, cordial ou ventral), são realizados com o Obr.: em pé e com o Templo a coberto. Os instrumentos de trabalhos, tais como, Malhete, Bastão, Espadas, Turíbulos, Bolsas, são conduzidos com a mão direita. O Giro dentro da Loja sempre é no sentido horário. O Obreiro só poderá cobrir o Templo mediante autorização e após contribuir com o Tr.: de Sol.:. Após o início dos trabalhos, a nenhum Irm.: é permitido passar de uma para outra Coluna, ou do Ocidente para o Oriente, sem a expressa ordem do V.: M.:. Estando o Obr.: circulando com o instrumento de trabalho, quando for necessário fazer o Sinal de Ordem ou de Saudação, passar o instrumento para a mão esquerda e fazer o Sinal com a mão direita. As Espadas são sempre portadas com a mão direita, com a lâmina postada na vertical junto ao corpo do lado direito, e a mão sobre o quadril. Quando for circular pelo Templo, a lâmina deverá ser inclinada a 45 graus para frente, em direção à caminhada. Durante a saudação à Bandeira, a Espada deverá estar em posição de continência, isto é, descer a Espada em direção ao pé direito, com a ponta da lâmina a cerca de 10 cm do chão. E nesta posição, não deverá andar, pois a posição é de continência e é estática. Quando em Cerimônia Fúnebre, o Obr.: deverá empunhar a Espada com o

cabo para frente, lâmina entre o braço e o corpo e a ponta da lâmina para trás. Para formação de abóbada de aço ou arco de aço, os Obreiros empunham a Espada para cima e para frente com a mão direita, como se fosse prolongamento do antebraço, e as pontas a cerca de 10 cm. Não se devem tocar as pontas. O mesmo é válido para formação de Pálio com as Espadas. A Espada Flamígera só é manuseada pelo Mestre Instalado, na ocasião da consagração do Grau. É carregado pelo Porta-Espadas dentro de um escrínio ou guarda-espadas. A Espada Flamígera sempre será portada pela mão esquerda.

Relatamos acima alguns pontos da Ritualística da Liturgia dentro de um Templo, durante uma Sessão Econômica. É necessário que se verifique o rigor na condução dos trabalhos, como fazendo parte de uma disciplina maçônica, pois com disciplina, manteremos uma unidade no que diz respeito à prática e doutrina.

Passaremos a discutir alguns pontos de ordem geral da Maçonaria. A doutrina é necessária a partir da premissa de que somos um grupo de pessoas com determinado objetivo comum, que é a instrução e progresso do homem, e capacitar cada um de nós para que, de volta ao mundo profano, possamos lutar pelo bem da sociedade onde estamos inseridos e no sentido mais amplo, para o bem da humanidade. Desde que a Maçonaria gradualmente foi sendo transformada em associação de caráter especulativo, muitos homens importantes do ponto de vista histórico, sociológico e científico fizeram parte do Quadro, influenciando direta ou indiretamente para o progresso da humanidade.

Como toda associação de homens, com determinados objetivos e doutrinas, existe fase de aquecimento ou

arrefecimento no que diz respeito a ações e atitudes. Vivemos atualmente um franco processo de transformação da sociedade como um todo, com mudanças de paradigmas, aceleração de conhecimentos, evoluções e mudanças de conceitos, numa velocidade espantosa. Nesse contexto, a Maçonaria sente a necessidade de adaptação, e dos processos de avaliação constantes no que diz respeito aos objetivos, modo de ação e de se situar dentro da sociedade. É quando se pergunta novamente o que somos, onde estamos e para onde vamos.

A primeira pergunta é: “O que somos?”. Somos, na essência, uma organização onde se pratica uma busca da verdade espiritual. Somos uma instituição baseada na tolerância e na liberdade de pensamento. Temos princípios morais fortes e abrangentes.

A segunda pergunta é: “Onde estamos?”. A Maçonaria, como qualquer organização humana, está sujeita a influências externas. Cabe a cada um dos membros participantes, saber identificar e interpretá-las e saber lidar adequadamente com elas. A evolução tecnológica veio criar um número cada vez maior de individualistas. O bem-estar social alcançado no mundo ocidental ocorreu juntamente com culto aos valores materiais. A pressão do cotidiano suprime cada vez mais o nosso tempo livre. A família, célula fundamental da nossa sociedade, sofre os efeitos dessa transformação, muitas vezes tendo que reavaliar os valores, criam-se situações em que se tenha menos tempo para a família. A Maçonaria percebe que a concorrência para a ocupação dos tempos é cada vez maior, principalmente pela necessidade de lazer que o homem moderno aspira. Diante deste quadro social, há necessidade de

ser atrativo como instituição, para que tenhamos argumentos para arremeter os novos membros para serem Iniciados.

E outra pergunta: “Para onde vamos?”. Temos de ter consciência de que não é necessário mudanças radicais, basta que nos adaptemos à nova realidade da história da humanidade. O que garante o futuro da Maçonaria é o do nosso crescimento, tanto em quantidade como em qualidade. Assim, a ênfase deve ser posta em estratégias que promovam o Recrutamento e a Retenção de Irm.:. É fundamental que se divulgue de uma maneira eficaz os princípios que nos movem e o que fazemos em prol do bem comum. Precisamos atrair mais novos e jovens Irmãos. Para melhorar a nossa imagem temos de divulgar a nossa obra. As nossas opções são as de estagnar ou crescer. E não nos esqueçamos de que temos uma excelente base ou ponto de partida para amanhã, que é o dia de hoje, porque “A Maçonaria não é necessariamente boa porque é antiga, mas é antiga porque é boa”.

É oportuno colocarmos neste Trabalho alguns pontos do artigo do Irm.:. Benedito Marques Ballouk Filho, do GOSP, intitulado “Os Pilares e Fundamentos da Nação Maçônica”, onde ele defende a unificação da Maçonaria em prol de luta contra a corrupção política. O autor começa dizendo que, no início da fase especulativa, o pacto uniu as Guildas da Ordem dos Pedreiros-Livres. Posteriormente, alicerçada num sistema hierárquico-administrativo sólido, a Maçonaria fortalecida aliou-se a Estados, ampliou fronteiras, resistiu e sobreviveu à perseguição de tiranos através dos tempos. Ao tornar-se uma força mundial, a Nação Maçônica ganhou flexibilidade para resistir ao assédio dos poderosos inimigos. E ao longo do tempo criou a máxima de que: “Nenhum de nós é tão bom

quanto todos nós juntos”. Continua relatando que, não há dúvida de que há quase dois séculos a Ordem Maçônica tem se esmerado na produção filosófica e iniciática, contando em seus Quadros com Obreiros de alta qualidade e comprometimento e que, devolvidos à sociedade, multiplicam os ensinamentos a partir do segmento social em que foram pinçados. Mas a ação individual sem uma articulação coletiva e sem o apoio e comprometimento do Quadro de Obreiros e da própria estrutura estadual maçônica, não se pode atingir o objetivo como instituição. Sabemos que Poder é ação. Nada se muda, transforma ou se faz sem o Poder de mudar, transformar ou fazer. E o Poder político, obtido pela via democrática, é o único instrumento legal e legítimo para que nós possamos cumprir nossos princípios constitucionais e para defender a Liberdade, Direitos Civis, valores Éticos, Pátrios, nossas famílias e expandir nossos laços fraternos a todos os homens de bem sobre a face da Terra. Como homens que prezam a Ciência, sabemos que o caminho para extirpar o mal exige mais atitude do que oração, e não culpamos o Grande Arquiteto do Universo se os homens fazem mau uso do discernimento e do livre-arbítrio que Ele nos legou. Sabemos que não se debela a doença de um corpo enfermo com pajelanças, gritos ou esperneio e que um sistema contaminado, assim como um corpo enfermo, exige que o antibiótico seja injetado no organismo para produzir efeito e recuperar células e órgãos afetados de dentro para fora. Precisamos incentivar e orientar cada líder Maçom sobre a estratégia a seguir e como ele assumirá a sua condição de pastor, como semeará consciência e a levará ao maior número de pessoas à sua volta. Mas cada vez que um Irmão Secretário desconsidera o dever de levar ao Quadro

de Obreiros a palavra expressa do seu Grão-Mestre nos boletins quinzenais, ou um Venerável não abre espaço para discutir em Loja os comunicados do Grão-Mestrado, mesmo que involuntariamente, ele está cassando não só o direito do Grão-Mestre de comunicar-se, mas também o direito de nossos Irmãos Obreiros conhecerem melhor o seu governo e as causas pelas quais lutamos.

O que seria do nosso lema “Ordo Ab Chaos” se a Organização e a Unidade Maçônicas fossem substituídas por um sistema autônomo, em que cada Loja adotasse seu próprio critério e achasse que seu único compromisso com sua Ordem se resume ao pagamento de seus metais para com o Grande Oriente Estadual e Nacional? Pode existir um Estado Maçônico, respeito às nossas leis ou uma Maçonaria Universal se cada Loja considerar que seus direitos e deveres com a Ordem não se estendem além do espaço físico de seu Templo?

É necessário resgatar um *landmark* importante e essencial para que “Maçonaria Universal” e “Estado Maçônico” não se tornem expressões vazias. Só a Maçonaria una e indivisível poderá defender nossos princípios universais enquanto Nação, vencer a omissão e assumir novos desafios e responsabilidades na liderança de um Movimento Cívico em defesa da ética, dos valores morais, da Pátria, dos Direitos Civis e do pleno Estado de Direito.

Devemos traçar uma estratégia para concretizar nossa aspiração e promovermos a Revolução de Práticas e Costumes dentro do marco do legalismo democrático: A única vulnerabilidade do sistema corrupto é a via eleitoral e partidária, que monopolizam o acesso aos altos escalões do Poder constituído.

Ao concluir esta matéria, reforço a ideia de que a

Maçonaria é uma instituição das mais antigas, que em cujo seio habitaram os mais valorosos homens, necessita de renovação constante dos seus membros, ratificação constante dos seus princípios e luta constante para que os seus seguidores apregoem os princípios de moral, fraternidade e dignidade entre os homens. E a estratégia para atingir este objetivo é manter viva a tradição maçônica através de Mestres estudiosos promovendo instruções, tanto da Ritualística, liturgia, simbologia, história, princípios morais e participação efetiva na sociedade profana, de forma constante através de reuniões frequentes de Maçons de diferentes Orientes na forma de simpósios e congressos para manter a união dos ideais e o princípio da evolução.

REFERÊNCIAS

BALLOUK F., Benedito Marques. *Os Pilares e fundamentos da Nação Maçônica*. <http://www.gosp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=122:os-pilares-e-fundamentos-da-nacao-maconica&catid=29:the-cms&Itemid=37>.

JINARAJADASA, C. *Os ideais da Maçonaria*. <<http://www.levir.com.br/teosofia/teosofia47.php>>.

KARG, Barb; YOUNG, John. *O Ofício do Maçom* (trad. Carlos Raposo). Madras, 2007.

Maçonaria, que objetivos, que futuro. <<http://www.rlmad.net/rlmad-main/mmenu-pranchas/283-mac-objectiv.html>>.

PACHECO JR., Walter. *Guia de Administração Maçônica*. 3.ed. Londrina: “A TROLHA”, 2008.

A Sobrevivência da Instituição Maçônica

*Irm.: Renato Gabriel
Or.: Juiz de Fora – MG*

A preocupação com a crescente evasão de Obreiros, que vem ocorrendo na Maçonaria mundial, deve ser de todo Maçom que vive e pensa Maçonaria, pois este é um fato real e grave, que ameaça a própria sobrevivência da instituição maçônica.

Para se ter uma ideia, a Maçonaria Norte-Americana que é a maior Maçonaria do mundo, já teve, num passado recente, cerca de 4,1 milhões de Maçons (1960) e hoje tem cerca de 1,5 milhão de Maçons (2007), correspondendo a aproximadamente 60% da Maçonaria mundial.

Apenas para comparação, temos hoje no Brasil cerca de 120 mil Maçons, correspondendo a aproximadamente 4,8% da Maçonaria mundial e somos a terceira Maçonaria do mundo (temos outro tanto igual a este de Maçons não regulares).

Ainda, para ilustrar a nossa afirmação, a Loja de Pesquisas “Quatour Coronati” de Londres, a mais antiga Loja de

Pesquisas do mundo, enviou, no ano passado, uma pesquisa aos seus Membros Correspondentes com o objetivo principal de saber a opinião destes sobre medidas de contenção de custos, preocupada com a forte redução do seu Quadro de Membros Correspondentes, alegando que esta redução seguia a tendência mundial de redução dos Quadros Maçônicos.

Isto tudo nos fez pensar em novas fórmulas ou atualização de antigas fórmulas de *motivação* para o Maçom permanecer nas lides maçônicas e, não só isso, mas, também, comprometido com o funcionamento da Loja e das instituições maçônicas, destacando, aqui, que não consideramos aceitável apenas o *envolvimento* do Obreiro e sim o seu *comprometimento* (Tese muito bem defendida pelo Irm.: Moacir Outeiro, de Cuiabá/MT).

Dentro desta linha de raciocínio, achamos que é muito importante o *Planejamento Estratégico das Reuniões Maçônicas*.

Quando falamos de planejamento, não nos referimos a simples calendários de reuniões com assuntos da Ordem do Dia citados de maneira genérica. Estamos nos referindo a um planejamento detalhado que possa servir de motivação para a frequência dos Obreiros; estamos nos referindo a um planejamento cultural/motivacional para todas as reuniões da Loja, de modo que os Obreiros saiam das reuniões achando que “valeu a pena ter vindo à reunião”.

Existem várias maneiras de se fazer este planejamento, uma fórmula que nós encontramos foi realizando uma pequena pesquisa de opinião dentro da Loja para saber o que os Obreiros querem ouvir e de quem ouvir e, assim, poder atender aos anseios dos próprios Obreiros.

Mostramos a seguir uma pequena pesquisa (não profissional e que pode ser muito melhorada) que fizemos na Loja “Fidelidade Mineira” do Oriente de Juiz de Fora/MG.

LOJA MAÇÔNICA “FIDELIDADE MINEIRA”

Juiz de Fora – MG

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E INSTRUÇÃO

PESQUISA

A) Qual a sua preferência para os períodos de Instrução:

1 – Quanto ao *Tema* da instrução:

Ritualismo

Filosofia

Temas de interesse nacional

Outros:

2 – Quanto ao *modo* de apresentação:

Prático com exemplos

Teórico com leitura de Textos

Leitura de Instruções do próprio Ritual

Apresentação com “*data show*”

Outro:

3 – Quanto aos *Instrutores e Palestrantes*:

Deve ser da Loja

Deve ser de outros Orientes

Deve ser de outras Lojas deste Oriente

Pode ser qualquer um desde que o tema e a apresentação sejam bons

Deve ser equilibrado entre os da casa e os de fora

Pode ser Profano para temas de interesse geral

Outra:

B) Dentro das suas preferências assinaladas anteriormente, faça as suas sugestões:

1 – Para Instrutor:

Irmão: _____

Profano: _____

2 – Para Tema:

Tema Específico Maçônico: _____

Tema Específico Geral: _____

C) O Irmão acha correto que a Loja faça o ressarcimento de despesas de viagem, hospedagem e refeições para os Palestrantes de outros Orientes?

Sim

Não

D) Faça suas sugestões livremente:

Temos certeza, meus Irmãos, se um V.: M.: se propõe a motivar os seus Obreiros para obterem o melhor da Maçonaria, procurando fazer do seu grupo de Obreiros um verdadeiro grupo de amigos, não permitindo nunca choques entre Obreiros, que, normalmente, são muito negativos para o grupo, este obterá uma Loja justa e perfeita e um grupo realmente comprometido com a Loja e não simplesmente envolvidos com os assuntos da Loja.

A conclusão a que chegamos é que o Planejamento, bem feito, leva à motivação e a motivação leva ao comprometimento e o comprometimento pode estancar esta tendência de crescente evasão nas lides maçônicas.

Qual o Valor da Tradição?

*Irm.: Orli Vargas Sousa
Or.: Curitiba – PR*

O tradicionalismo implica à recusa da modernidade.

Humberto Eco, em “Cinco Escritos Morais”, Ed. Record, p. 44.

Este é outro assunto problemático porque variável no tempo e no espaço e deve ser visto sob a ótica, principalmente, da história, da sociologia e da antropologia cultural.

Em Maçonaria, o que é e o que não é tradição? O que realmente passou do período operativo para o especulativo como tradição? O que era tradicional e o que foi enxertado e acrescentado depois pelos ritualistas dos Séculos XVIII e XIX? Qual o valor da tradição? São os elementos da tradição estáticos? Estas não são questões fáceis de serem respondidas, até porque faltam fontes primárias seguras para embasar um estudo sério, em termos de Maçonaria.

Para termos uma ideia das dificuldades e das controvérsias em relação ao tema, vejamos, entre outras considerações, o que diz Felix Adolfo Lamas, na obra “Tradição, Revolução e Pós-Modernidade”, página 24:

Qué valor de verdad tiene la tradición? La cuestión más importante a la que deberá darse respuesta, pues, se refiere al valor de verdad que tiene, o puede tener, la tradición, supuesto que tenga alguno.

É lícito deduzir, pois não há comprovação histórica, que no período corporativo e durante a transição na Idade Média, a Iniciação visava, tão somente, um sentido de compromisso profissional, de recepção do Candidato, para a introdução do Aprendiz na corporação. Era tudo muito simples. Não tinha a conotação de hoje.

Consumada a transição com o fim do período da Maçonaria de Aceitação, a transformação das corporações dos Franco-Maçons, em Maçonaria Especulativa, ou filosófica, com os Maçons, simbolicamente, transformados em “construtores sociais”, o sentido da Iniciação, também, tomou outro rumo, com o surgimento dos diversos Ritos, influenciados pelas diversas correntes de pensamento, e, principalmente, pelas ideias metafísicas que se desenvolveram nos Séculos XVIII e XIX. Passou, então, a focar a ideia do aprimoramento moral e intelectual, do caráter individual, do aperfeiçoamento espiritual; passou a ter, também, uma conotação esotérica, em relação aos Sinais, Toques e Palavras, embora alguns escritores maçônicos queiram dar à Iniciação um enfoque de mistério impenetrável, que ela efetivamente não tem.

Este processo iniciático em seu sentido simbólico (isto é, a ideia), não em seus elementos formais – *os RITOS são todos formais, embora traga em seu bojo o processo iniciático, não significa que não se possa alterá-los, para trazê-los à modernidade* – este processo talvez seja a única tradição válida hoje, em Maçonaria; porque a “ideia iniciática”,

contemporaneamente, é da sua essência e da sua natureza, muito embora a Iniciação, como tal, não seja prerrogativa exclusiva da Maçonaria; porém, se retirarmos dela o princípio iniciático, descaracterizamos-la como tal.

∴

Creio que o valor da tradição está no fato dela servir de paradigma para impulsionar o progresso na vida em sociedade e nas instituições sociais e não para travar o desenvolvimento. Quando ela engessa o corpo social ou a instituição, é necessário romper com ela a bem do progresso.

É preciso analisar, definir o alcance e a repercussão das medidas propostas, e os pontos a serem alterados para não descaracterizar a cultura do corpo social.

Toda e qualquer tradição, portanto, deve ser vista e percebida como variável no tempo e no espaço e não como elemento estático, imóvel, principalmente a tradição na Maçonaria, porque esta é progressista por definição, e, por isso mesmo, não pode estar atrelada ao tradicionalismo, e muito menos ao imobilismo.

BIBLIOGRAFIA

A RELIGAÇÃO dos Saberes – O desafio do Século XXI. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin.

ALBERTON, Valério. *O Conceito de Deus na Maçonaria*.

FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A Cidade Antiga*.

LAMAS, Felix Adolfo. *Tradição, Revolução e Pós-Modernidade*.

TARNAS, Richard. *A Epopeia do Pensamento Ocidental*.

A Intolerância

*Irm.: Fadel David Antonio Tuma Filho
Or.: Rio Claro – SP*

INTRODUÇÃO

Um lobo interpela um cordeirinho que bebe água num riacho, e diz:

– Como ousas sujar a água que eu vou beber? Como castigo, vou devorá-lo.

– Como posso sujar sua água, seu lobo, se ela corre do seu lado para o meu?! – responde o cordeiro.

Sem jeito, o lobo replica:

– Muito bem, mas eu soube que você falou mal de mim no ano passado.

– Como posso ter falado mal do senhor se eu nem era nascido no ano passado?! – argumenta o cordeirinho.

– É... Mas se não foi você foi o seu pai, ou seu irmão, ou seu tio, não importa... – arremata o lobo, pulando sobre o cordeiro e devorando-o.

Esta singela fábula nos mostra que a **intolerância** não requer nenhuma argumentação moral plausível ou lógica para se impor. Trata-se de uma postura que se caracteriza pela arrogância e pelo preconceito, expressos, na maioria das vezes, pela força bruta, pelo desdém e por uma atitude de pretensa superioridade, alimentados por um ódio irracional e difuso contra determinado objeto ou sujeito.

A INTOLERÂNCIA COMO POSTURA INDIVIDUAL OU COLETIVA

Podemos distinguir a **intolerância** como uma postura pessoal e individualizada, bem como um comportamento de valor compartilhado por um grupo social ou uma comunidade nacional ou étnica.

Um indivíduo intolerante, invariavelmente possui um histórico de vida marcado por frustrações e insatisfações que geram o autodesprezo, a autodepreciação e o desinteresse próprios. Essas pessoas, em geral, são desajustadas da realidade por não terem ainda encontrado o seu lugar na vida. Esse desajustamento ocorre em virtude de uma falta inata de talento ou de flexibilidade emocional ou pelo fato do indivíduo possuir algum defeito irreparável no corpo ou na mente que o impede de realizar seus mais ambicionados desejos.

Na busca de compensações para satisfazer o próprio ego e camuflar as frustrações e mágoas, o indivíduo apresenta-se, muitas vezes, com ares de altruísmo e vaidade ilimitada, escondendo uma falsa humildade. E, não raro, se crê ‘destinado’, como um ‘ser especial’, ‘escolhido’, entendendo sua vida como uma ‘missão’.

Convém observar que existe, em todos nós, uma tendência em localizar as forças modeladoras de nossa existência fora de nós mesmos. Neste sentido, é comum tendermos relacionar a algo ou a alguém os nossos fracassos ou sucessos. Nos indivíduos frustrados, a culpa pela própria incompetência, via de regra, é direcionada para outra pessoa ou grupo de pessoas ou instituições.

O preconceito e a discriminação surgem daí, como respostas irracionais a essas duas grandes paixões da alma: o medo e o ódio. O desconhecimento e a incerteza quanto às coisas e aos acontecimentos geram o medo, que nada mais é do que a crescente angústia pela falta de referências para apreender a identidade das coisas e o rumo dos acontecimentos em situações de mudanças ou de conflitos e em momentos contraditórios ou ambíguos. Desta forma, o indivíduo procura se livrar dele lançando para fora de si os seus temores e pavores. E essa ação se exprime num ódio, nascido da vontade de aniquilar essa causa ‘externa’ perturbadora, que na verdade continua dentro do próprio indivíduo.

É a partir desse estado passional, assentado sobre uma realidade instável, vivenciada pelo indivíduo, que o medo e o ódio produzem os estereótipos sociais que dão a esse indivíduo a ilusão de poder compreender e controlar o mundo que o cerca, ofuscando os verdadeiros problemas e suas causas.

A função dos estereótipos é a simplificação imaginária da realidade, criando dicotomias imediatamente compreensíveis, do tipo: bom-mau, limpo-sujo, bonito-feio, honesto-mentiroso, trabalhador-preguiçoso etc. Isso serve para acalmar ou dissimular o medo e estabelecer objetos visíveis para o ódio, possibilitando a distinção entre o “eu” (o

próprio indivíduo), como ‘*bom*’, ‘*limpo*’, ‘*bonito*’, ‘*honesto*’, ‘*trabalhador*’ etc., e o “**outro**” (pessoas, instituições ou objetos, símbolos etc.), como ‘*mau*’, ‘*sujo*’, ‘*feio*’, ‘*mentiroso*’, ‘*preguiçoso*’ etc. O estereótipo dispensa, assim, o uso da razão e da reflexão crítica. O ódio e o preconceito, num primeiro momento, geram no indivíduo a intransigência e o orgulho que se traduzem pela intolerância.

O intolerante apresenta sempre uma atitude de desrespeito para com o ponto de vista dos outros e total falta de compreensão para com suas eventuais fraquezas.

A prepotência, a arrogância e o orgulho do intolerante servem para mascarar sua incompetência, seus fracassos, seu egoísmo e suas frustrações. Muitas vezes, porém, o intolerante acredita, até com convicção, que possui a virtude da tolerância. Na verdade, o que possui é uma falsa tolerância. Pois que, o fato de ‘aceitar’(aparentemente, pois no íntimo isso não ocorre) o ponto de vista do outro, o erro ou a fraqueza de alguém, como um ato compassivo ou uma atitude de ceticismo condescendente, não o faz tolerante. A verdadeira **tolerância** é humilde, mas convicta. É um ato consciente, racionalizado, que não se supõe infalível ou superior em face do modo de pensar dos outros.

A INTOLERÂNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

As primeiras manifestações de **intolerância** muitas vezes surgem nas brincadeiras de crianças e adolescentes, na escola ou nos grupos da rua ou vizinhança. O execrável *bullying*, no qual os membros de um grupo humilham e intimidam os elementos mais frágeis ou que apresentam algum defeito

físico ou diferença racial, social ou sexual. Muitas dessas humilhações e agressões físicas ou psicológicas, acometidas na juventude, não raro marcam comportamentos sociais, morais e psíquicos para o resto da vida de um indivíduo.

A **intolerância**, por sua vez, é o primeiro passo para conseqüências mais graves, como o fanatismo, o nacionalismo exacerbado e o racismo.

O fanatismo, qualquer que seja seu matiz: religioso, político ou ideológico, não se sensibiliza ao apelo da razão ou ao senso moral. Trata-se, pois, de uma adesão passional a uma pessoa ou a uma ideia, de tal modo que coíbe ao fanatizado o exercício de sua capacidade crítica. Disso resulta a sua predisposição à autoimolação, o que nos revela sua afinidade com a histeria e o masoquismo. O fanático é um ser perpetuamente incompleto e inseguro e, se abraça uma causa, não é exatamente por vê-la como algo justo ou sagrado, mas devido a sua desesperada necessidade de apegar-se a alguma coisa.

Quanto ao nacionalismo exacerbado e fervoroso, assim como o entusiasmo religioso ou revolucionário exagerado e doentio, na verdade, serve muitas vezes de refúgio a uma consciência culpada.

O ódio apaixonado pode dar significação e propósito a uma vida vazia. Desta maneira, o racista cultiva uma ideologia que se baseia em premissas pseudocientíficas, que pregam a superioridade de determinadas raças, etnias ou grupos sociais. E, como tais, estão destinadas a dominar e ‘salvar’ a humanidade ou a sociedade, subjugando as raças, etnias ou grupos sociais tidos como ‘inferiores’ ou ‘incapazes’.

O ódio e o preconceito estereotipados atingem, assim, a expressão máxima da intolerância e operam através de

atitudes que vão do “*extermínio simbólico*”, concretizado por meio de discursos e difusão de ideias que objetivam atingir desfavoravelmente pessoas, ideias, instituições ou objetos, símbolos etc., até o “*extermínio físico*”, particularmente de pessoas e instituições consideradas as causas da infelicidade do intolerante, seja ele um fanático religioso, político ou ideológico, seja ele um racista ou um nacionalista exacerbado.

A intolerância pode também servir de atitude de defesa de um grupo social, étnico ou nacional. Muitas são as causas sociais, econômicas, políticas e ideológicas que geram atos de intolerância de um grupo social, étnico ou nacional, muitas vezes em clara contradição com a formação cultural do próprio grupo.

Entretanto, as frustrações coletivas, motivadas pelas dificuldades nacionais (principalmente de cunho econômico ou social), pelo desemprego em massa, por um sentimento de derrota nacional ou mesmo pela depreciação coletiva da própria nacionalidade, podem gerar reações irracionais ou soluções imaginárias e mágicas. Nesses casos, os grupos ou coletividades mais atingidos buscam compensações às suas limitações reais ou irreais. Comumente fecham-se num orgulho próprio e procuram apoio na própria história, nas suas tradições populares ou culturais, ou mesmo num sentimento religioso comum.

Esse perigoso e insensato caminho pode levar toda uma coletividade ou grupo social a se escorar em ideias e valores completamente absurdos, que ferem o bom-senso, a dignidade e a inteligência da humanidade. Se autointitulam o grupo ou o povo “escolhido”, o grupo ou o povo “eleito”, o povo “especial”, “destinado” ou “missionário”. Em razão

disso adotam a crença de que são injustiçados ou ameaçados, justificando, assim, suas atitudes de prepotência, arrogância e intolerância com relação aos outros povos ou grupos sociais. Daí tratarem com desdém e desprezo os outros.

Dentro da patologia da intolerância, encontramos desde aquele indivíduo que humilha a esposa e os filhos, àquele que, num posto de chefia ou revestido de alguma autoridade, mostra-se prepotente com seus subordinados. Ou aquele que não tolera o favelado ou o morador da periferia, ou, ainda, aquele que desdenha e humilha o imigrante pobre, ou o membro de uma minoria étnica, até os casos mais graves como dos neonazistas, dos terroristas fanáticos e mesmo do próprio Estado, através de seus agentes, que espancam e matam seus opositores ou suas vítimas, ou os seguidores de seitas que se revestem de únicos donos da verdade.

REFLEXÕES FINAIS

Combatamos, pois, a INTOLERÂNCIA com a TOLERÂNCIA.

A tolerância é uma virtude que deve ser cultivada, porém, não deve ser confundida com a conivência interesseira ou com a benevolência pusilânime ou com um ato de contrição capaz de redimir todos os pecados.

A tolerância do homem justo, livre e de bons costumes deve se alicerçar na LIBERDADE, que se faz necessária para convivemos com a ideia do direito de cada um ter a consciência livre e plena, inclusive para considerar sua própria verdade.

A IGUALDADE também deve ser outro alicerce, pois não somos nem mais nem menos, nem superiores ou

inferiores, mas temos a obrigação de reconhecer o pluralismo das ideias, culturas e valores, respeitando, assim, o direito inalienável dos outros pensarem como quiserem.

E, por fim, a FRATERNIDADE, através da qual exercemos o sublime reconhecimento de que somos todos irmãos, membros da mesma humanidade e do mesmo planeta, partilhando do mesmo destino comum e usufruindo da vida como uma dádiva suprema da Natureza e da Energia Consciente do Universo, que reconhecemos como o Grande Arquiteto do Universo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

_____. *Quem Educa Quem?* São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ANTONIO FILHO, F. D. Reflexões sobre Ética, Moral e Sigilo na Maçonaria e no Mundo Profano, na Atualidade: in (anais) *VIII e IX Encontro de Membros Correspondentes*. Juiz de Fora (MG): Loj.: “Fraternidade Brasileira” de Estudos e Pesquisas, 2003, p. 41-46.

CARDOSO, F. H.; IANNI, O. *Homem e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

FREUD, S. *Psicanálise dos Tempos Neuróticos*. São Paulo: Edimax, s/d.

NACHT, S. *O Masoquismo*. Rio de Janeiro: BUP, 1966 (v. 61).

NEILL, A. S. *Liberdade na Escola*. São Paulo: IBRASA, 1967.

ORLANDO, L. “Tolerância”: in *O Prumo*. Florianópolis (SC), ano XXIV, n. 96, maio/jun. 1994, p. 26;

REALE, G. *O Saber dos Antigos*. S. Paulo: Loyola, 1999.

SICHES, R. *Tratado de Sociologia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1988, v. 2.

SILVA FILHO, A. C. P. *Sob a Luz da Psiquiatria*. S. Paulo: Anhembi, 1963.

Editora Maçônica

A TROLHA 

Redação, Diagramação,
Composição, Revisão, Arte-Final.

Rua Castro Alves, 264 – Jd. Shangri-lá A
Fone: (43) 3337-1982 – Fax: (43) 3326-0915
CEP 86070-670 – Londrina – Paraná

Home Page: <http://www.atrolha.com.br>
E-Mail: redacao@atrolha.com.br


